

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

CAUAN PATRÍCIO FERREIRA GOMES

**O COMPORTAMENTO EDITORIAL, ÉTICO E NARRATIVO DO JORNAL DA
RECORD E DO JORNAL NACIONAL NA EDIÇÃO QUE NOTICIOU AS 500 MIL
MORTES NO BRASIL POR COVID-19**

Monografia

Mariana
2022

CAUAN PATRÍCIO FERREIRA GOMES

**O COMPORTAMENTO EDITORIAL, ÉTICO E NARRATIVO DO JORNAL DA
RECORD E DO JORNAL NACIONAL NA EDIÇÃO QUE NOTICIOU AS 500 MIL
MORTES NO BRASIL POR COVID-19**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Lara Linhalis Guimarães

Mariana

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G633c Gomes, Cauan Patricio Ferreira.

O comportamento editorial, ético e narrativo do Jornal da Record e do Jornal Nacional na edição que noticiou as 500 mil mortes no Brasil por Covid-19. [manuscrito] / Cauan Patricio Ferreira Gomes. - 2022.
67 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. COVID-19 (Doença). 2. Ética. 3. Telejornalismo. I. Guimarães, Lara Linhalis. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 659.3

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Cauan Patrício Ferreira Gomes

O comportamento editorial, ético e narrativo do Jornal da Record e do Jornal Nacional na edição que noticiou as 500 mil mortes no Brasil por Covid-19

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 21 de junho de 2022

Membros da banca

Doutora - Lara Linhalis Guimarães - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutora - Hila Bernardete Silva Rodrigues - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor - Evandro José Medeiros Laia - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Lara Linhalis Guimarães, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/06/2022



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/06/2022, às 09:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0354740** e o código CRC **5AD2C9A3**.

À memória dos mais de seis milhões de acometidos pela COVID-19 mundo afora, dentre os quais ressaltam-se as histórias dos mais de 600 mil brasileiros e brasileiras abreviadas à fórceps pela exposição à infecção, omissão e ao desprezo por todas as demonstrações de vida assumidas pela autoridade executiva do país, desde 2019.

Aos esforços individuais e coletivos dos profissionais, de todos os setores, no cuidado com a sociedade em meio aos flagelos impostos pela pandemia.

Aos movimentos incessáveis da ciência contemporânea na busca e oferta, em tempo recorde, de imunizantes e soluções à humanidade no enfrentamento da doença.

À vida, simplesmente!

AGRADECIMENTOS

Eis a minha profunda gratidão aos indivíduos que regam a semente do sonho profissional e de vida deste que vos escreve. Fazer justiça em tão poucas linhas, parece-me impossível (e de, fato, é). Portanto, agradeço nominalmente a alguns que fazem acontecer o cumprimento desta jornada, mas celebro com a alma a todos que cruzaram o caminho e ofereceram-me o melhor de si.

Sou grato a meu maior exemplo de cuidado, minha mãe, Roseli, por acompanhar, incentivar e vibrar por cada passo dado até aqui. Agradeço também a meu pai, Louriedson Gomes, a quem, apesar da distância, devo retribuir os estímulos fundamentais para que eu acreditasse na concreticidade deste sonho.

Sou grato a minha irmã, Chayenne, por me ter despertado o corajoso ímpeto de atrever-se e desafiar, com firmeza, os empecilhos com os quais esbarramos no cotidiano.

Aquele muito obrigado aos professores e professoras que integraram o robusto e competente time na emocionante partida do conhecimento teórico e prático do jornalismo. Devo, em especial, agradecer à professora Lara Linhalis Guimarães, que com paciência, presteza e afeição guiou o caminho do presente trabalho.

Agradeço a generosidade com que colegas e amigos, angariados nesta passagem, compartilharam comigo os ensinamentos e virtudes do bom jornalismo. Todo carinho ao pessoal do IFMG - Campus Ouro Preto, simbolizado pelos afinados Luiz Lopes, Sérgio Alfenas e Tatiana Ferreira. Carregarei para sempre os processos, os resultados e as descontraídas conversas que tivemos. Faço, ainda, votos de bem-querença à Aline Monteiro, da Converso Comunicação, chefe exemplar e com quem aprendi lições válidas para além do que comporta a profissão. Amizades verdadeiramente valorosas.

Agradeço a minha cuidadosa e inspiradora companheira Laura, que há quatro anos me oferece a honra de bailar pelos dias, superar medos e mergulhar em gargalhadas e carinho. Ao seu lado, os prazeres e os dissabores da vida são experienciados com muito amor e resiliência.

Sem vocês, nada do que fora conquistado teria se tornado, hoje, verdade!

“[...] Neste canto aqui da poesia
Casa da fantasia e da razão
Abre-se a porta e entra um novo dia
Pela janela adentro um coração

A voz de um barco à bordo da alvorada
O sol da aurora secando o pulmão
Ano passado se eu morri na estrada
Vai que esse ano não morro mais não

É pra montar no lombo da toada
Desembarcar do trem da pandemia
É pra fazer da rima arredondada
O rompante final de uma alegria
Vamos em frente amigo, vamos embora
Vamos tomar aquela talagada
Vamos cantar que a vida e só agora
E se eu cantar amigo a vida é nada”

Trecho da canção “Sob Pressão”

Chico Buarque e Gilberto Gil

RESUMO

O presente texto lança o olhar analítico e deontológico do jornalismo aos elementos textuais, visuais e discursivos que embasaram a cobertura do Jornal da Record (Record TV) e do Jornal Nacional (TV Globo) frente ao trágico acontecimento de 500 mil mortes provocadas pela COVID-19. A discussão parte da possibilidade de amparar o exercício jornalístico por uma ética do cuidado, a qual seja norteadora das relações com a fonte, o fato e o público. Para figurar tal cenário, é feita a mediação de cânones do jornalismo com expoentes do perspectivismo ameríndio, como forma de mirar um horizonte adotado pela epistemologia dos povos originários. Dali em diante, os conceitos e parâmetros do cuidado no jornalismo são estabelecidos e ancorados à análise comparativa dos produtos jornalísticos, cuja metodologia é essencialmente baseada na materialidade do audiovisual, concebida por Coutinho (2016). Os resultados alcançados evidenciam o cenário de execução, conforme recortes previamente estabelecidos dos princípios éticos e profissionais envolvidos no zelo para com o acontecimento de 19 de junho de 2021.

Palavras-chave: Ética do cuidado; telejornalismo; COVID-19; Jornal Nacional; Jornal da Record.

ABSTRACT

The present text launches the analytical and deontological look of journalism to the textual, visual and discursive elements that supported the coverage of Jornal da Record (Record TV) and Jornal Nacional (TV Globo) in the face of the tragic event of 500,000 deaths. caused by COVID-19. The discussion starts from the possibility of supporting the journalistic exercise by an ethics of care, which is guiding the relationships with the source, the fact and the public. To portray this scenario, the mediation of canons of journalism with exponents of Amerindian perspectivism is carried out, as a way of looking at a horizon adopted by the epistemology of native peoples. From then on, the concepts and parameters of care in journalism are established and anchored to the comparative analysis of journalistic products, whose methodology is essentially based on the materiality of the audiovisual, conceived by Coutinho (2016). The results achieved show the execution scenario, according to previously established cuts of the ethical and professional principles involved in the zeal for the event of June 19, 2021.

Keywords: Ethics of care; telejournalism; COVID-19; Jornal Nacional; Jornal da Record.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Espelho da edição de 19 de junho de 2021 do Jornal Nacional.....	47
Quadro 2: Espelho da edição de 19 de junho de 2021 do Jornal da Record.....	52

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Cid Moreira, Hilton Gomes e João Saldanha à frente do Jornal Nacional, em 1970.....	39
Imagem 2 - O candidato Jair Bolsonaro concede entrevista a Eduardo Ribeiro; Douglas Tavaloro, vice-presidente de jornalismo da Record TV, acompanha.....	42
Imagem 3 - Frame da vinheta especial do Jornal Nacional.....	49
Imagem 4 - Frame do editorial exibido na edição de 19 de junho de 2021.....	50
Imagem 5 - Frame do encerramento em respeito às 500 mil vítimas da COVID-19.....	51
Imagem 6 - Frame do momento em que o Jornal da Record aborda o mórbido marco.....	54
Imagem 7 - Frame do encerramento e o sorriso dos apresentadores.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A ÉTICA DO CUIDADO COMO PONTO DE REFLEXÃO DA ÉTICA PROFISSIONAL	13
1.1 Os contornos de uma ética do cuidado	25
2. O COSMO TELEJORNALÍSTICO: HISTÓRICO NACIONAL E CARACTERÍSTICAS MEDULARES	28
2.1 A linguagem e a produção do telejornalismo: o drama, o espetáculo e a dinâmica de mercado	30
2.2 A narrativa e as categorias técnicas dos telejornais	34
2.3 Histórico do Jornal Nacional e do Jornal da Record: conhecer para entender	38
3. ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA DO JN E DO JR FRENTE AOS 500 MIL MORTOS PELA COVID-19	43
3.1 Metodologia	44
3.2 Jornal Nacional	46
3.3 Jornal da Record	50
3.4 A materialização da ética do cuidado	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

A monografia procura viabilizar uma reflexão a partir da análise — sob o enquadramento do fazer jornalístico, do emprego de determinadas linguagens e da ética que guia a profissão — do comportamento adotado por dois dos mais assistidos telejornais do Brasil: o Jornal da Record, da Record TV, e o Jornal Nacional, da TV Globo. Os principais produtos jornalísticos das empresas de comunicação disputam décadas a fio índices de audiência no horário nobre da televisão, e essa relação de concorrência produz diferenciações estratégicas na estrutura e no modelo dos produtos, conforme teoriza Traquina (2005), apesar de o formato convencional de transmissão de factuais imperar e os homogeneizar em termos categóricos. No que se refere às diferenciações, em momentos pontuais tornam-se tênues, sendo observada convergências em determinadas coberturas; ora tornam-se translúcidas, como os meses de pandemia provocado pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2) ressaltam ao espectador.

Optando-se por lançar as lentes da observação analítica a este período excepcional, pode-se notar que os telejornais moldaram suas linguagens e angulações, tendo em vista o quadro da realidade imperativa no contexto, demarcadas por um bojo de condicionantes. Na perspectiva de observação dos dois produtos, a atual conjuntura social-política do país interfere diretamente no modo como o Jornal da Record e o Jornal Nacional tratam os fatos como notícias. A exemplo do alinhamento do primeiro à postura governamental, reflexo do embasamento da própria empresa ao atual mandatário da República, Jair Bolsonaro, e a tudo o que representa, conforme ficará explicitado adiante, implica em um nivelamento de discursos entre estes, de modo que informações noticiadas pelo Jornal Nacional, na órbita da disseminação da COVID-19 entre a população, com determinado destaque e desdobramentos, não sejam abordadas ou, quando são, atenuadas. Posto isso, este trabalho elucidará os pontos mais controversos no comparativo entre os telejornais, privilegiando a discussão correspondente à mensagem promovida por ambos e quais os precedentes circundam sua emissão.

A última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua, de 2019, constatou que a presença da televisão nos lares brasileiros é quase unânime, alcançando expressivos 96,3% do território. O dado fornece segurança para afirmar que a televisão no Brasil assume papel primário no posto de agenciadora de sentidos e distribuição de entretenimento e informação à população, o que alça o meio a um importante patamar de responsabilidade, sobretudo referente à opinião pública e à cidadania. Neste sentido, os

interesses econômicos e políticos dos grupos detentores das concessões públicas de transmissão televisiva entram em conflito com os regramentos-chave do jornalismo profissional, que contemplam o interesse público e os direitos dos cidadãos de se informarem plenamente, enquanto que as motivações privadas tangem tais lemas prioritariamente no escopo comercial.

As edições dos telejornais de 19 de junho de 2021, data trágica em que o Brasil alcançou a marca de 500 mil vitimados pela COVID-19, tornam-se importante índice para o exame destas relações em seu caráter editorial.

Diante ao panorama explicitado, a problematização dos aspectos éticos, norteadores do exercício jornalístico, coloca-se em prioridade na convenção das considerações presentes neste trabalho, somada à atenção sobre a importância dos caracteres políticos envolvidos na determinação da postura discursiva da cobertura da pandemia, evidenciada na dos 500 mil mortos, bem como buscar compreender e viabilizar correlações de tais procedimentos narrativos na influência ou na adesão de determinados grupos a um desses produtos.

Os interesses movidos na conjunção da escolha temática, da duração de cada reportagem, no grau de aprofundamento nos fatos e a manifestação editorial dos telejornais serão desmembrados na pesquisa, em via de proporcionar um entendimento das razões pelas quais o JR e o JN são o que são diante da pandemia.

O primeiro capítulo principiará as nuances da ética, como conceito regente do pensamento ocidentalizado, e a partir das considerações alcançar ponderações acerca da deontologia do jornalismo e dos regimentos que a estabelece no campo. A discussão deságua na reflexão de uma ética guiada pelo cuidado, rompendo com as muralhas etnográficas e se ambientando na epistemologia indígena brasileira. Recorre-se, neste ponto, aos excertos didáticos e explicativos de Krenak (2022), Viveiros de Castro (2015), Taddei (2020), Guimarães (2021) e Guimarães e Laia (2014). Em vista disso, uma série de pontuações é feita em via de pautar a conduta jornalística sobre o viés do zelo com outro. Ancorado na mediação do que Guimarães (2021) vai chamar de “repórter-xamã”, isto é, a materialização da ética do cuidado no ofício jornalístico, além dos preceitos éticos gerais, do cuidado indígena e dos regimentos da profissão no Brasil, alcançam-se categorias para tornar a análise possível. São elas: privilegiar a visibilização; preocupação com o endereçamento; despertar diferença e prezar a vida, bem-estar e igualdade polifônica.

O propósito de introduzir e orientar o leitor pelos meandros do telejornalismo fica evidenciado no segundo capítulo, o qual se inclinará a esquadrihar uma breve cronologia do telejornalismo no Brasil, e dos telejornais em estudo, atentando para as influências, advindas

da experiência estadunidense, para o cenário evolutivo da TV e de sua popularização. Esta, por sua vez, ajuda a explicar os instrumentos narrativos, discursivos e visuais adotados pelos telejornais, a fim de se promover engajamento para o produto. As características técnicas, tais quais acionadas por Traquina (2005) com os critérios de noticiabilidade, por Coutinho (2003) com a dramaturgia e as categorias de formatos, são condensadas, em um momento expositivo, junto às avaliações de Bucci (2004) e Machado (2000). Cada autor é referenciado, no capítulo, justamente pelo entendimento de suas considerações, apesar de diferentes e, por vezes, conflitantes, serem básicas para se gerar a compreensão, a grosso modo, das estruturas presentes na sustentação do telejornalismo brasileiro.

O capítulo terceiro é a somatória de todo o arcabouço desenovelado até ali. A análise comparativa da cobertura dos produtos da TV Globo e Record TV é antecedida, porém, pela demonstração do método associado à procura das respostas pretendidas no percurso observacional. No presente trabalho, a metodologia escolhida foi amparada pelos pilares da análise da materialidade audiovisual, produto dos estudos de Coutinho (2016). A explicitação do procedimento técnico do processo que confere cientificidade ao olhar analisador garante a viabilidade da construção de uma narrativa congregadora de aspectos quantitativos e qualitativos, na busca por confirmação dos critérios formulados na identificação da ética do cuidado nas coberturas tratadas. A introdução com o panorama da situação à época, a descrição minuciosa do que foi 19 de junho de 2021 para o foco editorial dos produtos e a tipificação dos critérios analíticos, escorados também no Guia de Cobertura Ética da COVID-19 do objETHOS (2020), completam o vislumbre dos comportamentos avaliados.

Espera-se, a partir das inconsistências e possíveis acertos das edições, navegar pelo mar azul e aberto do cuidado como valor fundamental para transmissão sensível e humana de informações. Para tanto, o presente trabalho se desvencilhará, ou pelo menos não priorizará, os princípios fundantes do pensamento hegemônico ocidental. Para acessar o cuidado, com os sentidos e significações que extrapolam a epistemologia predominante da conduta eurocentrada, aqui se faz a torção para o modo de vivência e lida com a realidade à sua volta dos povos originários. A flexão é necessária, pois o cuidado, para muitas comunidades indígenas, é a célula embrionária de sua relação com o planeta e os seres, assim como sustenta Krenak (2022), compreendidos na totalidade, assim como nas traduções de mundos que são postas em movimento a partir da cosmovisão ameríndia.

1. A ética do cuidado como ponto de reflexão da ética profissional

Inicialmente, este capítulo ambiciona lançar mão de uma apresentação acerca do percurso reflexivo, promovido em meios acadêmicos e de discussão profissional, relacionado ao conjunto ético-deontológico que encampa a extensa área da comunicação jornalística. Longe de englobar a totalidade das perspectivas existentes, o presente trabalho sintetiza e performa, em linhas gerais, distensões percebidas na práxis jornalística contemporânea como eixo transversal para a concepção e proposição de um novo paradigma, cujas especificidades abarquem aspectos problemáticos no trato dos agentes do ofício frente a todas as demonstrações de realidades possíveis na humanidade.

Posto isto, torna-se indispensável redimensionar a discussão para uma escala macroscópica, de modo a elucidar os níveis conceituais que se referem à ética imprescindível às relações, não meramente humanas, mas também compreendidas como pressupostos ao comportamento profissional do jornalista. Apoiado pela percepção ocidentalizada contemporânea, Cortella (2009) enuncia a ética sob a condição desta ser uma prática coletiva primária para a boa convivência entre os seres. Em vista do colocado, aponta para a compreensão de ética como processo resultante da individualidade inclusa no diagrama da reciprocidade ou mutualidade na interação social, conferindo ao princípio o aspecto de mediador na coexistência dos seres: “O que marca a fronteira da nossa convivência. [...] é aquela perspectiva para olharmos os nossos princípios e os nossos valores para existirmos juntos [...] é o conjunto de seus princípios e valores que orientam a minha conduta.” (CORTELLA, 2009, p. 102)

Na toada de estruturação e conceituação da ética como instrumento basilar para o empreendimento de vínculos entre os seres, Assmann (2014, p. 103) condiciona seu valor e o de sua representação à sociedade. Segundo ele, a razão de o indivíduo se portar como tal, deve-se, fundamentalmente, à suposição de que outros indivíduos, também dotados de liberdade e responsabilidade, existem assim como ele. Logo, para o desdobramento pacífico de um elo de comunicação, respeitando os valores que os une, a ética atua como amálgama para cristalizar o entendimento da moral regente da sociedade.

Importante veículo no estabelecimento comunicacional social, o jornalismo se encontra no epicentro dessas amarrações, uma vez que fora instituído como canal de ligação entre o indivíduo e grupo onde se encontra. Ou seja, o papel desempenhado pela profissão, à qual é comumente atribuída a responsabilidade pela transmissão dos fatos transcorridos ou em

desenvolvimento, envolve uma delicada costura de retalhos justapostos na imensa colcha das afetações e subjetividades.

A adjetivação que confere complexidade ao corpo do processo, por mais que soe, não se configura como mero exagero. A prática profissional se depara, em ocasiões contínuas e repetidas, ou, até mesmo, se choca com incontáveis reveses dialógicos, incluindo, nesta esteira, externalidades. Martino (2010, p. 31) discorre a questão:

A ética jornalística é apresentada, por vezes, como uma espécie de tábua de logaritmos morais aplicados a uma prática jornalística livre de qualquer contingência externa, como se dependesse apenas da vontade do profissional. A apresentação das normas de conduta do jornalista parece excluir alguns elementos contraditórios da profissão. (MARTINO, 2010, p. 31)

Neste fragmento, é aparente que o autor explana que para a efetivação da ética no meio de operação da produção noticiosa, a instituição de conflitos de ordens distintas deve ser assimilada pela classe, para serem, de algum modo, cruzados. De um lado, a designação e a missão de informar advogam pela viabilização do senso crítico do jornalista; do outro, aparece a conciliação da criticidade com os interesses mercadológicos inerentes aos veículos de comunicação, especialmente os hegemônicos.

Em um cenário real contendo tamanhas desproporcionalidades e inconsistências, cujos pesos tão destoantes não usualmente conseguem ser simetricamente balanceados ou dosados uniformemente, foi convencionada a congregação de consensos teóricos, inspirados no exercício empírico, com a livre pretensão de fundamentar, em alguma instância, os valores éticos norteadores para prática jornalística. Deste modo, evidenciou-se a intenção de possibilitar enxergar ou, quando ao menos, apalpar o entroncamento de interesses.

Nesse sentido, o ethos do trabalho jornalístico é por vezes definido como uma relação entre as possibilidades da ética e as limitações da prática (Goodwin, 1991:23). A ética está relacionada, desde Aristóteles, não necessariamente a um conjunto prescritivo de regras, mas sobretudo como uma teoria da prática, criada a partir da reflexão e da pesquisa vinculada à vida diária. Está nesse contexto a discussão sobre ética jornalística – o locus para crítica da prática. (MARTINO, 2010, p. 32)

À luz dos meandros do rio caudaloso representado pelas relações entremeadas no jornalismo, cartilhas deontológicas e instrumentais passaram, progressivamente, a integrar redações e ambientes de trabalho, vislumbrando ajustar as métricas humanas, empresariais e subjetivas para a normatização da profissão. Historicamente, como elucidado acima, o

documento não foi articulado para vigorar à la Código de Hamurábi,¹ tampouco uma camisa de força, impondo obrigatoriedades ao profissional.

Segundo postula Bucci (apud Martino, 2010): “A ética não é como a lei que diferencia o lícito do ilícito. A ética cada vez mais se ocupa das decisões individuais entre o que é certo e aquilo que também é certo; qual a melhor escolha a fazer”. Portanto, a institucionalização de cartilhas, manuais e guias orientadores do exercício foi concebida, pela lógica fundante da profissão, com a finalidade de amparar o regime jornalístico, com vistas nas indicações de observância do exercício, de tal modo que o sujeito atuante na área se oriente por aspectos-chave das razões que legitimam e encorpam, democraticamente, a profissão e propicia a humanidade.

Aproximando o centro da discussão da conjuntura nacional, as disposições deontológicas voltadas ao jornalista brasileiro são promovidas pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. O documento responde por questões de natureza técnico-normativa, tendo sido estruturado para organizar do regime à finalidade da produção noticiosa, preocupando-se por instruir os ritos processuais da comunicação, compreendidos pela emissão, recepção e pelos meios.

A carta, para todos os efeitos, tem validade formalizadora da profissão perante à sociedade e às instituições de Estado. Logo, além de regulamentar as competências dos envolvidos no ofício, também abraça, por definição, as bandeiras da preservação de direitos humanos, sociais e políticos garantidos a todos os cidadãos incluídos na dinâmica jornalística. Neste âmbito, a adesão é absolutamente plausível, em virtude da consideração constitucional da informação como direito medular do cidadão, cabendo aos veículos e profissionais o dever de dispor dos recursos teóricos e práticos para assegurar a plena e democrática difusão de informação.

Os artigos primeiro e segundo (FENAJ, 2008, p. 01) são inequívocos:

¹ “O Código de Hamurabi é considerado o símbolo da civilização mesopotâmica e um dos documentos mais importantes da História do Direito (PFEIFFER, 1920; FINKELSTEIN, 1961; BURNS, 1979). (...) O Código de Hamurabi aumentou consideravelmente a severidade das penas, em especial contra os crimes que envolvessem sinais de traição ao rei ou sedição.” (NINA-E-SILVA; ALVARENGA, 2017, p. 91-92). Disponível em: <[https://www.unirv.edu.br/conteudos/fckfiles/files/8%20-%20IMPORT%C3%82NCIA%20HIST%C3%93RICA%20E%20AS%20PRINCIPAIS%20CARACTER%C3%8DSTICAS%20DOS%20C%C3%93DIGOS%20DE%20HAMURABI%20E%20DE%20MANU\(1\).pdf](https://www.unirv.edu.br/conteudos/fckfiles/files/8%20-%20IMPORT%C3%82NCIA%20HIST%C3%93RICA%20E%20AS%20PRINCIPAIS%20CARACTER%C3%8DSTICAS%20DOS%20C%C3%93DIGOS%20DE%20HAMURABI%20E%20DE%20MANU(1).pdf)>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.

Art. 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse (...).

Destarte, em linhas gerais, o referido manual orchestra um conjunto de práticas em favor da operacionalização técnica da práxis jornalística, sem deixar de escorá-la nas colunas jurídicas e políticas constituídas. Não por acaso, os itens apresentam claras referências e inspiração de cartas magnas, em consonância com os dispositivos, os quais referem-se à Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e à Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tais parâmetros convergem e dialogam com a manifestação do Código, na missão de solidificar a jornada do jornalista profissional, e pavimentar as estradas com direção ao cumprimento de deveres de proteção à cidadania, preservando às diversidades e, principalmente, resguardando os pilares básicos de manutenção da democracia. Afinal de contas, sendo fenômenos indissociáveis e que se retroalimentam, quando atuando em prol dos artificios do sistema que o torna possível, o jornalismo, simultaneamente, coloca em voga a sua própria sobrevivência.

Entretanto, se os desafios parecem próximos de factibilidade no campo retórico, a realidade se encarrega de tensioná-los frente aos desatinos empíricos. As premissas figurativas de isenção e imparcialidade, distribuídas e difundidas em massa pelos veículos midiáticos na produção de factuais, a serviço da insaciável busca pelo retorno publicitário, via engajamento de audiência; além dos ordenamentos corporativos a que os interesses comunicacionais desses meios estão submetidos, tornam a prática jornalística exposta aos desagравos do senso comum e aos riscos do cometimento de excessos, os quais tendem a sacrificar o indispensável cuidado nas relações estabelecidas.

A órbita dessa problemática é afirmada por Camponez (2014, p. 118), que ao cravar os equívocos decorrentes da aglutinação de lemas corporativistas junto à questão jornalística, chama a atenção para as dubiedades éticas, presentes no cotidiano profissional, mediante ao respaldo econômico de iniciativas questionáveis e, deontologicamente, controversas.

Para além disso, seria igualmente descabido tornar o conceito de verdade e de objetividade no jornalismo como o centro dos problemas que enfrenta a profissão, esquecendo os contextos organizacionais, econômicos e corporativos. De qualquer modo, existe a percepção de que a objetividade, enquanto filosofia moral da profissão dos jornalistas, não têm dado respostas convincentes a muitos desafios que se colocam ao jornalismo, nomeadamente no que se refere à homogeneização e perda de diversidade dos conteúdos informativos, à hiperbolização da sua linguagem, ao sensacionalismo, à crescente superficialização e leveza das notícias, à hibridização entre a informação e entretenimento e à excessiva dependência das fontes de informação organizadas, entre outras questões. (CAMPONEZ, 2014, p. 118)

Nesta perspectiva, pode-se deduzir que o olhar jornalístico, sobretudo, é enviesado pelo âmbito mercadológico, profundamente responsável pelos caracteres centrais da contemporânea sociedade de informação instituída. O resultado, por assim dizer, das influências da esfera do capital no *modus operandi* profissional pode ter levado ao comprometimento do modo de reportar do jornalista. Duas das consequências possíveis da pasteurização da prática, são a impessoalização do processo, sacrificando a atribuição subjetiva presente em toda incursão individual, e a desumanização dos sujeitos alvos do trabalho, sendo retratados, geralmente, às margens dos julgamentos sociais ou, estatisticamente, como pontos e índices.

Diante desse plano, o dever constitucional de informar, conferido ao jornalista, se desidrata perante a invisibilização de espaços, indivíduos e grupos. A postura delimita, assim, um alinhamento ao direcionamento estratégico convencionado pelo prisma financeiro a priorizar o capital monetário, e não o humano, dos veículos de mídia. No seio da indiferença, torna-se um imperativo civilizacional, imprescindível à categoria, a discussão em torno de uma força genuína, no que tange a ética e simbolizada pelo cuidado entre seres, no panorama de produção e transmissão de informação.

Buscando contornar o pensamento central que colore o desenho do cuidado cultivado mediante à prática ética, Christofolletti e Paul (2020, p. 25) ajudam a conceituar tal ideia, no espectro deontológico, entendendo-a como uma virtude complementar aos deveres que concerne ao jornalista enquanto operador cidadão. Para os autores, ao travestir a indumentária do zelo, o profissional assume o posto de ouvinte legítimo da comunidade, transparecendo, assim, a preocupação de enxergar o outro como seu semelhante e, portanto, próximo de sua condição humana.

Uma saída possível é tratar a ética do cuidado a partir das virtudes, concedendo-a um tólos e admitindo que essa abordagem, por si só, não é suficiente para ser aplicada a todos os dilemas – é preciso complementá-la. Steiner e Okrush (2006) partem dessa perspectiva, pois entendem que, quando ocorre apenas ao nível das relações pessoais, o cuidado não constitui um valor moral. Como escrevem os autores, essa virtude não substitui outros deveres e direitos dos jornalistas. O interesse maior em adotá-la está centrado na dissolução do mito do jornalista distante de outras pessoas, como fontes e audiências. Nesse sentido, a ética procura validar e mesmo estimular o profissional para que ele aja como gostaria de agir enquanto cidadão, no sentido de “cuidar” do outro para enxergá-lo menos como fonte e mais como um ser humano. (CHRISTOFOLETTI; PAUL, 2020, p. 25)

Colocado o cuidado como ponto-chave da questão relativa à comunicação jornalística, é interessante, a partir disso, distender os conceitos elucidados e agregar à confluência de visões acerca da ética, incrementos difundidos por outras concepções e formas epistemológicas, com o intuito de deslocar as bases fundantes do escopo sociológico e filosófico ocidental e, a elas, acrescentar angulações possíveis para além do que seu pensamento já estabeleceu. Realizar este movimento parte do interesse de flexionar os pilares sustentadores dos princípios ocidentais, permeados, senão introjetados, na ideologia capitalista e na anunciada lógica de relações materialistas e centradas no próprio homem.

A limitação do pensamento empreendido pelo ser humano ocidental dialoga, diretamente, com o caráter equidistante de seu posicionamento perante o mundo e as realidades por ele abrigadas. Conceituando a centralidade humana diante à totalidade da existência, Kopenawa Yanomami (2015, p. 390) sugere que a indiferença adotada pela espécie frente a toda diferença presente, advenha do fato de seu pensamento se mostrar “curto e obscuro”.

Enraizado na maneira anterior e determinada de sua particular vivência, o homem branco ocidental necessita abster-se de seu meio para enxergar o que seu olhar estigmatizado não vislumbra. O antropólogo francês Descola (2016, p. 22) sustenta que:

Para que se possa falar de natureza, é preciso que o homem tome distância do meio ambiente no está mergulhado, é preciso que se sinta exterior e superior ao mundo que o cerca. Ao se extrair do mundo por meio de um movimento de recuo, ele poderá perceber este mundo como um todo. (DESCOLA, 2016, p. 22)

Acolher o conhecimento advindo de povos, culturas e elementos que nos circundam, porém atirados contra o cais da incompreensão pelo ambiente fornecedor da matéria-prima centrada na perspectiva de um só continente e um só povo, contribui para a ampliação do horizonte de possibilidades, no sentido de oferecer um caminho para o desvencilhamento da visão de existência que contempla tão somente a unicidade do modelo de pensamento.

Portanto, para expandir os matizes que tingem o cuidado e romper com as fronteiras etnográficas do saber, convido a seguir a discussão pela vereda do evidenciamento do ponto de vista, da perspectiva ameríndia e a mirar os corpos celestes da cosmovisão dos povos originários brasileiros. O redirecionamento de mundos visa tensionar as discrepâncias nos perfis traçados para a sustentação do que nós, ocidentais, convencionamos como ideais de sociabilidade.

Antes, contudo, é válido ressaltar que o deslocamento aqui proposto não contemplará a integralidade das matérias condizentes à visão de mundo dos indígenas brasileiros, mas, espera-se, com esta breve pincelada, dispor dos componentes de um pensamento padrinho do cuidado para com os seres e que tanto têm a respaldar o aperfeiçoamento da prática profissional.

Inicialmente, para realizar a aproximação de mundos tão diversos, faz-se necessário a explicitação do comportamento indígena em relação ao outro. Segundo Krenak (2022), os laços que unem o “eu” ao outro se desenvolvem a partir do reconhecimento de suas condições não voltadas ao redor do próprio humano. No tocante à interação indígena com o meio, a dinâmica do diálogo e da convivência se dá com todos os seres, inclusive não-humanos.

Os não-humanos, os rios, as montanhas, as florestas, todos os organismos vivos que dão sentido à nossa experiência fantástica de estar compartilhando a vida no planeta Terra com bilhões de outros seres. Me afeta profundamente quando imagino a responsabilidade de cada um de nós naquilo que a gente emite. (KRENAK, 2022, s/n)

Admitindo a incursão dialógica, na direção do extravaso dos limites de espécie, aqui, faz-se necessário mencionar o campo do saber que se debruça a descrever as especificidades desta epistemologia indígena. Neste ponto, tratar do perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 2015), teoria derivada de experiências etnográficas do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro com indígenas amazônicos, torna-se um importante objeto para desvendar um certo padrão de vivências no exercício cotidiano dos indígenas americanos com os mundos.

Em linhas que buscam abreviar, sinteticamente, as minúcias do perspectivismo, cabe salientar que tal concepção evidencia a transmutação de pontos de vista que humanos, animais e espíritos, entre outros existentes, podem acessar, considerando uma humanidade compartilhada com uma infinidade de seres e corpos diferenciados. O conceito privilegia a distensão do homem como fim de todo meio, proporcionando o enquadramento da humanidade às réguas do relacionismo, ou seja, de sua condição ser tal como é em relação a

outro existente. Daí, surge a concepção de uma humanidade moral, a qual se relaciona ao fato de algumas espécies de seres, apesar das diferenças corporais e interespecies (conforme estabelecido por predicados biológicos e pela variabilidade da “natureza”), possuírem uma unidade, isto é, se reconhecerem, coexistirem no mesmo espectro que o humano e aceitarem a condição para estreitar relações com este.

Todo ser a que se atribui um ponto de vista será assim sujeito, espírito; ou melhor, ali onde estiver o ponto de vista, também estará a posição de sujeito. Enquanto nossa cosmologia construcionista pode ser resumida na fórmula saussureana: o ponto de vista cria o objeto — o sujeito sendo a condição originária fixa de onde emana o ponto de vista —, o perspectivismo ameríndio procede segundo o princípio de que o ponto de vista cria o sujeito; será sujeito quem se encontrar ativado ou “agenciado” pelo ponto de vista. É por isso que termos como wari’ (Vilaça 1992), dene (McDonnell 1984) ou masa (Århem 1993) significam “gente”, mas podem ser ditos por — e portanto ditos de — classes muito diferentes de seres; ditos pelos humanos, denotam os seres humanos, mas ditos pelos queixadas, guaribas ou castores, eles se auto-referem aos queixadas, guaribas ou castores. (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 126)

Diante ao recorte do contato humano com outros não-humanos, a sobrevivência e a existência no planeta Terra passam a ser derivadas da atuação mútua com a natureza, demonstrando afabilidade com os “outros”, assim classificados pela terminologia eurocêntrica. Em palavras certeiras como as setas das flechas cravadas em um alvo, Krenak aciona as chaves desta interação pelo que chama de “comunicação parabólica”. Segundo ele, toda forma de empreender contato pelo homem é enviesada pela seletividade do endereçamento a outro humano, em geral, muito semelhante a ele mesmo. Nesta fala com o espelho, a mensagem que poderia ecoar livremente, encontra o seu fim em um igual. Para superar as barreiras desta comunicação demasiadamente “especista”, a parabólica lança a codificação para todos, sem destino e distinção, com plena disposição pacífica de ecoar pluralidade.

Como a mensagem, neste entendimento, transita por terrenos não meramente físicos (ao menos o que entendemos, hegemonicamente, como algo “físico”), aparece, então, a demanda pela leitura dos significados e sentidos que pairam em âmbitos outros da existência. O propósito, por conseguinte, de haver o símbolo de uma entidade intermediária entre mundos, que se introjeta nas realidades, assume contornos de substancial relevância, figurando-se como um portal interpretativo dos espaços.

Vigorada pelos estudos no perímetro do perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro, Guimarães (2021) evoca o papel do xamã (ou pajé, entre outras nomenclaturas possíveis) na elucidação de sua presença entre o físico e o metafísico.

Nessa cosmovisão, o xamã (ou pajé, ou ainda outros nomes possíveis, a depender do povo originário a partir do qual estamos acionando essa figura do tradutor de mundos) seria aquele autorizado a cruzar essas perspectivas múltiplas (os diferentes corpos, as diferentes naturezas), desenvolvendo sua diplomacia, a sua arte política, entre variadas espécies de seres que habitam a zona de uma humanidade moral. O deslocamento xamânico ameríndio almejaria, então, a interlocução transespecífica, aquela entre diferentes espécies de seres, acessando sua condição de pessoa, seu ponto de vista. A tradução levada a cabo pelos xamãs buscaria o quem das coisas, para então chegar ao por que (ou aos porquês). Isso em razão de o xamanismo cultivar um ideal epistemológico em que conhecer é personificar, subjetivar (GUIMARÃES, 2021, p. 02).

À luz das considerações erguidas pela autora, nota-se que ao xamã é atribuída a responsabilidade por flexionar as muralhas de sua própria identidade em prol da compreensão, do entendimento do outro, não restrito somente a quem apresente os mesmos caracteres físicos e/ou biológicos. No que a autora chama de “torsão”, verifica-se que a intercessão do xamã neste processo acarreta na disposição de uma curvatura à alteridade, tornando viável o discernimento e a abertura a pontos de vista do humano pelo animal, bem como acontece vice-versa.

Com isto, depreende-se que o trabalho do xamã contempla a função de se ocupar dos assentos da intersecção dos mundos, e acionado por este movimento, traduzi-los, baseado no descolamento de definições prévias e subjetivas, objetivando a busca dos acontecimentos das conjunturas dos limiares entre os seres.

Respeitadas e balizadas as devidas distâncias e magnitudes etnográficas, o papel do jornalista pode ser equacionado à imagem do líder xamânico, no âmbito da sociedade ocidental, frente a missão de imergir em mundos, histórias e contextos diferentes dos seus para, ao final, congregá-los em materiais informativos, que nada mais são do que resultados de sua experiência sensível aos enredos ali geridos.

Por meio desta observação, fora, também, propiciado o olhar para outro ponto da tradução adotada pela comunicação indígena e demonstrada por Viveiros de Castro: o equívoco. Não se trata, ora, de um impeditivo relacional ou um ardil indutor ao erro, mas do reconhecimento das diferenças intangíveis e de suas divulgações, a fim de que elas não confirmem caráter de sobreposição, como tampouco sejam omitidas e/ou desprezadas.

Equivocação não é o que impede a relação, mas o que a funda e impele: a diferença de perspectiva. Para traduzir é preciso presumir que uma equivocação sempre existe, e é isso que comunica as diferenças ao invés de silenciar o outro presumindo uma univocidade – a similaridade essencial – entre o que o Outro e nós estamos dizendo. (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 08)

Constituir uma ferramenta, cujo o propósito seja o de estabelecer vínculos que não se confrontem mediante o encontro de diferenças, das mais diversas esferas, é uma das contribuições que a epistemologia da cosmovisão dos povos originários tem a oferecer ao aperfeiçoamento da atividade jornalística. Na esteira dessa reflexão associativa ao “desconhecimento”, Taddei (2020) vincula o cuidado à ênfase da cautela primordial em relação ao universo não perpetrado pelo olhar comum.

O não-conhecer é fundamental na filosofia indígena. E justamente porque o não-conhecer é fundamental, o que sobressai daí é uma lógica do cuidado. Eu não sei o que está acontecendo, mas eu sei que eu preciso tomar cuidado, eu preciso cuidar das coisas. Ou seja, eu não conheço o mundo da onça, mas eu cuido da relação com a onça. E é isso que mantém o universo funcionando (TADDEI, 2020, s/n)

Com a intencionalidade de delinear a possibilidade de se empreender manifestações de expressão, guiada pelos motes do cuidado e do pressuposto do equívoco, nas searas jornalísticas, Guimarães (2021) argumenta que a angulação do pensamento ameríndio, no trato interpessoal e com o ambiente onde se encontra, apela para a sensibilização e mobilização do encontro na diferença, mais até do que para demonstração de uma realidade específica como verdade, em outras palavras, de um modelo impassível de discussão ou contraposição.

Em conjunto, Guimarães e Laia (2014) tratam de imaginar uma linha do horizonte almejável para a constituição de um referencial ao que chamam de “comunicação pelo equívoco”. A proposta lança, através da concepção da somatória de ecos advindos das incompreensões, uma premissa viável para a construção de um ou mais jornalismo(s) identificados aos anseios voltados ao compartilhamento múltiplo de perspectivas.

Por essa via, não seria o entendimento, o consenso e a ordem, mas sim a incompreensão que marcaria o processo comunicativo. Nesse sentido, uma boa tradução de mundos, engendrada num processo comunicativo, seria aquela que daria visibilidade a esses equívocos: o equívoco, então, como o meio de comunicação por excelência entre variadas posições de perspectivas. (GUIMARÃES, 2021, p. 06)

Amarrando a tônica da discussão às demonstrações de cuidado transmitidas pelos processos indígenas, em suma, nota-se que a apreciação da ligação destas ontologias ao enfoque ocidental, contribuem, a meu ver, para a construção de uma lógica de tradução de mundos pelos jornalistas, respaldada pelo compartilhamento de histórias direcionada a todas as dimensões e perpassada pelo zelo como um ponto de partida para o despertar do

estreitamento de vínculos entre os seres e conformidades com as diferenças referentes a quem somos e onde estamos .

Contudo, como fazer valer a máxima de uma comunicação preocupada com seres, inseridos em um contexto predominantemente cerceado pela prerrogativa capitalista, onde toda e qualquer representação é convertida em peça endereçada ao lucro? Muito dificilmente, evidentemente, que o sistema em questão adotará algo próximo da naturalidade no engendramento de relações eticamente ideais, como o jornalismo pautado no cuidado, sem antes enfrentar hesitações.

A brecha, por onde escapam pequenas e fugazes demonstrações, reside no verniz democrático forjado para emular uma sociedade livre para a expressão. Uma analogia do cuidado na profissão, respaldado pelo sistema, é o interesse público como agente validador do que deve ser mensurado, prioritariamente, como informação para a sociedade. Aqui, o cuidado precisa ser entendido como um dever do jornalista, pois é assegurado constitucionalmente a informação tal qual qualquer outro direito cidadão.

Quanto a esta conduta profissional, performa Karam (apud Martino, 2010):

Jornalismo não é o que diz apenas um profissional, é uma profissão à qual aderem pessoas que, mediante determinados princípios técnicos, éticos, teóricos e estéticos, vão exercê-la sabendo que as vontades e paixões pessoais devem estar submetidas ao interesse público (KARAM apud MARTINO, 2010, p. 34).

Se essa brecha está relacionada à missão do ofício, a outra deriva de quem o exerce. Sazonalmente, o cuidado do profissional para com o interlocutor se desnuda a conta-gotas na mídia hegemônica. Em um desses episódios, a decretação da pandemia do vírus Sars-Cov-2, iniciada em 2020, catalisou a sensação de medo constante entre a população e, percebeu-se, quanto a isso, a quebra do engessamento presente em muitas das instituições jornalísticas. O reconhecimento da gravidade do cenário, combinado à sensibilização com a fragilidade dilacerante da vida humana, produziu aproximações mais eloquentes com o outro, enunciando a guinada para uma postura ancorada no cuidado. A típica vestimenta da rigidez apregoada a um tradutor de mundos, como um jornalista, veio abaixo. A jornada de trabalho tomada pelo tom mórbido da cobertura sanitária, promoveu a proliferação de cenas onde se pode taxar os enunciadores da notícia tais quais “gente como a gente”, em tempos arrebatados pelo clima de tristeza, tendo como motor as milhares de perdas, e de insatisfação com a anomia na efetivação de planos públicos de enfrentamento ao vírus. Além disso, em muitas ocasiões, sua

atuação foi manifestada como um ato de bravura, em proteção à sua sociedade, diante dos arroubos de agentes do Poder, dos setores econômicos e do próprio ramo.

O céu sombrio da emergência sanitária expôs os bastidores do jornalismo, descortinando, inclusive, a polidez imagética construída pensada para angariar credibilidade e superioridade profissional. A gambiarra, os erros, as opiniões e os comovidos desabafos estiveram presentes, especialmente nos telejornais, e despertaram no público proximidade e identificação. Taddei (2020) ressalta que a estruturação da economia das relações dos afetos sociais se mostrou insustentável no jornalismo, corroborado por Camponez (2014, p. 119):

O modelo da objetividade, assente numa perspectiva racionalista, do distanciamento e da frieza dos sentimentos, força os jornalistas a apagar as suas experiências pessoais enquanto as hierarquias e as rotinas organizacionais continuarão a padronizar o seu trabalho. O poder destes valores na cultura profissional – que, como vimos, de acordo com a crítica feminista, correspondem aos padrões patriarcais de entender a vida pública – ajudam-nos, por exemplo, a explicar a razão pela qual a denominada feminização das redações, a que temos vindo a assistir nas últimas décadas, não se tem refletido numa cultura profissional diferente, limitando-se, na maior parte das vezes, a repetir o modelo canónico (Steiner apud Camponez, 2008).

Em consonância com as articulações tratadas, integra a intencionalidade deste trabalho discorrer e esmiuçar, com as lentes apontadas para as edições do Jornal Nacional e do Jornal da Record na cobertura dos 500 mil acometidos pela COVID-19 no Brasil. O objetivo é identificar, sob a égide da ética do cuidado, como a narrativa dos tradicionais produtos jornalísticos se portou frente à tragédia sanitária e social do país. Camponez (2014, p. 120) ampara o questionamento, explicitando o que está em jogo e a importância da sensibilidade no jornalismo contemporâneo:

Mais do que uma nova ética, o que está em causa é compatibilizar as questões normativas e ideológicas do jornalismo com as suas práticas e, também, com a crítica a que, quer a profissão quer a academia, submeteram, durante o século XX, o próprio conceito de objetividade jornalística, fazendo-o deslocar de uma realidade observável para uma dimensão dialógica em constante processo de construção. Esta abordagem exige ao jornalista a sensibilidade para compreender o outro, para perceber outras dimensões da vida em comum, para identificar temas silenciados e para se pôr em causa numa profissão que, devido às rotinas inerentes da sua própria produção, incorpora uma dimensão importante de verdades efêmeras e de grande probabilidade de erro. Portanto, mais do que rejeitar o ideal da objetividade – o respeito na comunicação implica também um compromisso essencial com a verdade –, a ética do cuidado talvez nos permita reconfigurar epistemologicamente a objetividade no jornalismo que, embora desvalorizada no plano deontológico, continua a posicionar-se como um valor ideal, assente na racionalidade, na autonomia, no distanciamento. (CAMPONEZ, 2014, p. 120)

Guimarães (2021) suscita a provocação, a partir da tradução de mundos na cosmologia ameríndia, de que a movimentação de um sujeito em função do outro configura-se, em certa medida, numa semelhança ao que se vê em um “jogo de espelhos”. Segundo a autora, esta analogia caberia ao jornalista, no sentido de se operar um descolamento da prática narrativa das múltiplas realidades e existências, transmutando-se em uma espécie de ponte, fundada com base na experimentação, para o acesso a tudo o que lhe é externo. Para Guimarães, a conceituação do que ela tem chamado de “jornalismo de perspectivas” (ou jornalismo xamânico) tensiona os padrões normativos ou exigentes da profissão, e permeia a margem dos anseios de possíveis jornalismo.

Em face das considerações éticas e de seus desdobramentos conectores à discussão do cuidado, é igualmente fundamental se acessar o esqueleto sustentador dos discursos e práticas dominantes do jornalismo hegemônico. Ao sistematizar a observação dos sedimentos que compactam a rígida solidificação das comunicações, sobretudo as de cunho privado e com pretensões mobilizadoras de massas, torna-se viável o desmembramento dos eixos profissionais consolidados e, posteriormente, as devidas problematizações. Expressamente, proponho mirar a direção rumo à discussão do arcabouço teórico envolvendo o telejornalismo, com clara iniciativa de dispor e demarcar as especificidades notadas no ofício desempenhado no Brasil.

1.1 Os contornos de uma ética do cuidado

Neste primeiro relance, o cuidado estará submetido ao escrutínio da significação individual, derivado das subjetivações resultantes da inferência pessoal. A potência injetada na força de sua representação, especialmente quando observada a humanidade relacional assumida pelos ameríndios, conversa com a conceituação do gesto particular e/ou coletivo de transparecer a prevalência do senso de importância consigo mesmo e/ou com alguém. Grosseiramente, cuidado implica em “atenção a mim”, no contexto individual, e tangencia a “preocupação com o todo” na esfera social.

Se posto em paralelo com a ética, como organizado anteriormente, corresponde afirmar que, no âmbito da externalização de valores, os conceitos se fundem no rito representativo da emissão, da dispersão de princípios provenientes do interior de cada sujeito, posicionando-se como uma cultura de condutas pautadas pela sensibilização e cume empático da alteridade, intuindo haver relação direta com todos os participantes de uma civilização.

Realizada a flexão da denominação, cabe assumir os pressupostos para metrificar a disposição de tais conceitos na prática telejornalística, especificamente no enquadramento reclamado por este trabalho. Guimarães (2021) imagina a personificação da ética do cuidado na profissão contida na materialidade icônica do “repórter-xamã”, atribuição a quem se arrisca a se desvencilhar do seu mundo para se conectar a outros, impelindo, deste modo, importância e preocupação na proximidade com o outro.

Por esta via, o repórter-xamã seria aquele que, mesmo provisoriamente, ou no momento de um instante, busca acessar o ponto de vista do outro, a fim de ver como. Ao habitar esse devir - e o que é produzido a partir desse entre-lugar, em termos de narrativa audiovisual, textual, imagética, sonora -, o repórter-xamã propicia, em potencial, que seu público seja colocado, indiretamente, em um tipo de relação com a diferença em que os equívocos estejam visíveis. (GUIMARÃES, 2021, p. 12)

A autora faz uso da ética do cuidado como ponto inicial para adoção de traduções que compreendam o equívoco na esfera da valorização da diferença, sustentada por uma lógica de transmissão de diversas realidades, ao invés do epistemicídio ou da invisibilização dos marginalizados pela ordem vigente.

Ainda nesta seara, Guimarães suscita as formas possíveis de se iniciar a expansão da percepção profissional quanto à ética do cuidado. A autora comenta os desafios, levantando a necessidade de desenvolver a capacidade de saber o que pautar, de como se mover na direção do outro e a que linguagem aderir, para chegar cada vez mais perto do público em geral.

De modo a convencionar as medidas, as quais servirão de base para parametrizar a análise das coberturas jornalísticas, estabelece-se fundamental afinidade com o que promoveram os códigos e cartilhas de direcionamento para a cobertura da pandemia do coronavírus. Christofolletti, à frente do objETHOS, organizou o Guia de Cobertura Ética da Covid-19 (2020) e setorizou o manual em frentes de cuidado das fontes, de si, do público.

Diante dessas demonstrações, os mecanismos para a mensuração da presença da ética do cuidado nas instituições do telejornalismo, podem ser classificados em:

- **Privilegiar a visibilização**

Esta categoria empreende a preocupação editorial do produto na devida enunciação de temas pertinentes ao interesse público. Ou seja, a ética do cuidado estará presente ao primar pela viabilização da divulgação dos factuais, a fim de tornar público tais acontecimentos, mesmo que implique na colisão com os interesses econômicos subjetivos.

- **Preocupação com o endereçamento**

Tal mecanismo está atrelado à estratégia de esculpir a mensagem, projetando sua incidência sobre o receptor. O cuidado do profissional e/ou veículo com o entendimento de quem acessará o seu conteúdo, isto é, a ciência dos sujeitos para quem estão falando, enquadra-se também como um critério de avaliação analítica.

- **Despertar diferença**

Como consequência da clareza, simplicidade e acessibilidade adotados para se fazer chegar a notícia ao cidadão, está a capacidade de gerar identificação, proximidade e empatia. Em uma comparação proporcional, quanto mais se demonstra humanidade e sensibilidade para com o mundo à volta, mais afetações são despertadas nos indivíduos.

- **Prezar pela vida, bem-estar e igualdade polifônica**

Sendo o Jornalismo o bastião da democracia, valores pertinentes aos direitos sociais, civis e políticos do cidadão devem ser defendidos para além de uma mera questão humana, mas necessária para a manutenção do Estado Democrático de Direito.

Posto isto, estão semeadas as questões promessas de obterem resultado demonstrado nas considerações sobre a análise e finais.

2. O cosmo telejornalístico: histórico nacional e características medulares

Configura-se como tópico basilar no dever de introduzir este capítulo uma breve contextualização histórica acerca do meio que propicia a produção e emissão do produto telejornalístico. No Brasil, os registros documentais dão conta que a gênese das primeiras transmissões, em preto e branco, pelo aparelho audiovisual aconteceu em junho de 1950, na cidade de São Paulo, por iniciativa do empresário paraibano Assis Chateaubriand, como explica Mello (2017, p. 7):

A cidade de São Paulo foi escolhida para ser a sede da primeira emissora brasileira de televisão. Os equipamentos foram adquiridos da RCA Victor, empresa americana associada ao canal NBC. A 18 de setembro de 1950, os espectadores de alguns aparelhos de televisão espalhados nos arredores do centro da cidade e na porta do estúdio situado à Rua 7 de abril puderam assistir, pela primeira vez, a transmissão dos sinais da televisão, numa programação que misturou a bênção do canal, shows humorísticos e musicais. (MELLO, 2017, p. 7)

Com a chegada da televisão, especificamente da TV Tupi, inaugura-se, literalmente, o marco de um novo tempo na comunicação e na sociabilidade do país, o qual contava, até então, com a hegemonia da radiodifusão. O primeiro telejornal a ser televisionado pelo canal de Chateaubriand foi o “Imagens do Dia”, cuja estrutura noticiosa privilegiava o locutor de notícias, assim denominado à época, na exposição dos fatos, que se revelavam por fotografias.

O apresentador (locutor) era elemento legitimador do telejornal, que mostrava seu rosto e sua voz, além de emprestar seu reconhecimento profissional para dar validade ao discurso das notícias. Do ponto de vista técnico, no Telejornal Imagens do Dia, as notícias eram apresentadas no formato de nota ao vivo (nota seca) e nota coberta (voz do locutor narrando as imagens). (SILVA, 2017, p. 101)

O formato de apresentação, conforme elucida Mello (2017), fora importado dos Estados Unidos, onde o modelo bastante explorado pela National Broadcasting Company (NBC) consistia na utilização de um simples cenário, com enquadramentos fechados e a indumentária do apresentador resumida ao traje social, ou seja, terno e gravata. Com a consolidação das transmissões televisivas no Brasil, a influência das mídias estadunidenses não se restringiria apenas ao *modus operandi* dos telejornais, mas também ao modelo de negócios exercido pelos empresários do ramo.

No início, a implantação da televisão, por consequência, do telejornalismo, enfrentou reveses, especialmente de natureza técnica-operacional.

Por ausência de recursos técnicos, faltava cobertura externa e o “ao vivo”, direto do estúdio, ocupava quase todo o tempo dos noticiários. Os programas eram, em geral, elaborados e apresentados por profissionais oriundos do rádio, o que ajudava a evidenciar duas fortes características do início da TV brasileira: a herança radiofônica e a subordinação dos programas aos interesses dos patrocinadores. Perfeito exemplo disso é o próprio Repórter Esso, que estampava no título a influência de seu anunciante (REZENDE, 2000, p.105 apud MAIA, 2011, p. 3).

Com a popularização da televisão nos lares brasileiros e a extensão da cobertura de sinal pelo país, o amadorismo das primeiras emissões deu lugar a investimento em recursos técnicos e à aparição de novas estações de TV. Passados dez anos do surgimento do sinal televisivo, em 1960, 34 emissoras já integravam a vasta miscelânea de opções ao espectador. Dentre elas, a TV Globo, que inovou e, ao término da década de 60, integrou seis capitais em torno da exibição do Jornal Nacional, o primeiro telejornal em rede. Para Maia (2011, p. 05), “o JN inaugurou a era do telejornal em rede nacional, até aquela época, inédito no país, e consolidou um formato fixo, apostando na agilidade da notícia curta, o que mudou o cenário telejornalístico brasileiro.”

As primeiras décadas da televisão foram marcadas pelas descobertas de formatos e gênero, bem como do desenvolvimento de soluções tecnológicas capazes de aperfeiçoar as produções. Aqui, cabe mencionar o videotape e os equipamentos para gravação de reportagens externas. Na esteira dos avanços galopantes no atravessar dos anos, ao final da década de 80 e começo de 90, o telejornalismo passa por uma metamorfose com a chegada da TV a cabo e precisa ser repensado para o modelo “all news”.

De acordo com Mello (2011, p. 11):

Inaugurado em 15 de outubro de 1996, o canal GloboNews trouxe a proposta inovadora de trazer um novo telejornal a cada meia hora. (...) Logo outras redes de televisão passam a criar seus canais de notícias. A Rede Bandeirantes com a TV Band News (criada em março de 2001), a Rede Record com a Record News (criada em setembro 2007) que faz transmissões também na TV aberta. Os canais de telejornalismo deram ao espectador a possibilidade de acompanhar mais de perto as notícias do dia, não ficando preso exclusivamente aos horários da grade de programação. (MELLO, 2011, p. 11)

A evolução técnica-operacional dos recursos que possibilitam a exibição dos telejornais acompanha a evolução tecnológica e a difusão em massa das redes sociais nos hábitos digitais dos cidadãos. Apesar de, em 2019, 88% da população brasileira ser usuária de redes sociais, conforme informações da Comscore Brasil, 51% dos entrevistados pelos institutos CNT/MDA, em 2017, preferem se informar pela televisão, à frente dos 39,4% que mais utilizam a internet para obter notícias. Quanto a esses dados, Bucci (2004, p. 31) é

categorico ao correlacionar o perfil do brasileiro ao espaço televisivo: “A televisão se tornou, a partir da década de 1960, o suporte do discurso, ou dos discursos que identificam o Brasil para o Brasil. Pode-se mesmo dizer que a TV ajuda a dar o formato da nossa democracia”.

Maia (2011, p. 7) destaca a importância do telejornalismo:

O que testemunhamos, a cada dia, é a história social, política e econômica do Brasil (e do mundo) contada, por inteiro ou com conveniente montagem, pelos telejornais. Como bem define Beatriz Becker (2004), os noticiários delimitam um espaço simbólico onde acompanhamos, julgamos e construímos o cotidiano da nação. Mas, esse processo se desenvolve sob o olhar de âncoras, repórteres e editores. Para Alfredo Vizeu e João Carlos Correia (2008) o telejornalismo representa para os brasileiros um lugar de referência, próximo ao da família, dos amigos; lugar de orientação ao qual homens e mulheres recorrem nas sociedades complexas, a fim de obter informações para entender seu cotidiano, seu mundo. (MAIA, 2011. p. 7)

Deste modo, percebe-se que os impactos do telejornalismo vão além de, mera e pretensamente, informar. A história desse desdobramento, relativamente, recente do ofício jornalístico dialoga com o imaginário cultural de uma sociedade, tocando aspectos políticos, na perspectiva macrosociológica, e alcançando a órbita da esfera íntima do indivíduo, tendo forte apelo emocional do espectador.

2.1 A linguagem e a produção do telejornalismo: o drama, o espetáculo e a dinâmica de mercado

As disparidades em linhas de pensamento são comuns quando se referem a quaisquer ambientes onde haja produção de conhecimento. No ramo intelectual que se desdobra no acompanhamento do itinerário jornalístico, as concordâncias nem sempre se coadunam, mas, ainda assim é quase unânime entre os autores levantados para referenciar este trabalho, que o jornalismo, não somente o de televisão, é um agenciador de sentidos, tendo um eloquente papel na mediação de realidades, fatos e versões. Machado (2000) assim define o ofício, associando-o a questões internas e externas às relações nas redações.

Se entendemos o jornalismo, dentro ou fora da televisão, como uma instituição de mediação simbólica entre determinados eventos e um público de leitores ou espectadores para quem esses eventos podem ser considerados relevantes, é quase inevitável que a discussão a seu respeito seja permanentemente afetada por questões de ordem macroestrutural, como os problemas ético-profissionais envolvendo a seleção e interpretação das notícias, ou aqueles relacionados com o papel das empresas e profissionais na condução dos conflitos que eles têm por função reportar. (MACHADO, 2000, p. 99)

Mello (2017, p.1) acompanha a concepção de Machado e se pauta na ideia de que o jornalismo é uma ferramenta produtora de conhecimento, a qual está sujeita às condições de seus realizadores.

O jornalismo de televisão se constitui por um espaço de construção e interpretação da realidade muito embora se configure como um mediador entre os acontecimentos e a sociedade. Para Meditsch (1997, p. 10) “como toda forma de conhecimento, aquela que é produzida pelo jornalismo está sempre condicionada histórica e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam de sua produção.”

Para a produção jornalística, os veículos que se responsabilizam por fazê-la elegem requisitos para tornar este ou aquele fato em notícia. Segundo Traquina (2008, p. 63), a noticiabilidade pode ser entendida como “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”. Em verdade, esta eleição diz respeito à escolha, ao pé da letra, embora teoricamente existam critérios profissionais para a hierarquização dos fatos. A aplicação dos valores-notícia e dos critérios de noticiabilidade não são simplesmente conceitos imutáveis e cristalinos, pois estão eles sob o guarda-chuva da subjetividade dos jornalistas que os aplicam, mas, sobretudo, aos princípios editoriais que regem a conduta do profissional naquele ambiente.

Os jornalistas, como todas as pessoas, avaliam o valor da notícia que pensam haver nos eventos. Que tipos de eventos as pessoas julgam ter maior valor de notícia? Há muitas listas sobre atributos de notícias, mas geralmente elas incluem alguns ou todos os seguintes fatores: timing; proximidade; importância; impacto ou consequência; interesse; conflito ou controvérsia; sensacionalismo; proeminência; e novidade, estranheza ou raridade (Eberhard, 1982; Evensen, 1997; Hough, 1995; Itule e Anderson, 2007). Alguns desses fatores dizem respeito a aspectos de desvio de um evento, e outros ao nível de significação social, da qual quatro dimensões foram identificadas – política, econômica, cultural e bem-estar público (Shoemaker e Cohen, 2006). Por causa desses fatores, um item jornalístico altamente proeminente de um telejornal não tem necessariamente um valor notícia maior que um item menos proeminente. (SHOEMAKER, 2011, p.42)

Traquina (2005) aponta para os valores-notícia, indicando a quais critérios devem atender a seleção feita de acontecimentos, de maneira sistematizada. São valores-notícias ancorados, de acordo com Traquina, que atendem a critérios substantivos: a “notabilidade”, a “novidade”, a “relevância”, a “proximidade”, o “conflito”, a “infração”, o “inesperado”, o “tempo”, a “notoriedade”, o “escândalo” e a “morte”. Já no tocante aos critérios contextuais, aparecem a “visualidade”, a “disponibilidade”, a “concorrência”, o “dia noticioso” e o “equilíbrio”.

Os parâmetros utilizados no preparo telejornalístico, cujas delimitações atuam na definição dos fatos relevantes ao interesse público e do público, possuem um caráter envolto de complexidades, os quais tangenciam a sensibilidade do público.

Enquanto Traquina está voltado à operacionalidade da profissão, Coutinho (2003) fomenta a discussão na ordem dos agenciamentos, alegando a necessidade da prudência, da parte dos jornalistas, ao acionar mecanismos de ordem emocional, porque pressupõe-se que eles ofusquem a capacidade de discernimento do juízo público. Para tanto, a autora manuseia a ideia de drama para atrelar o funcionamento do telejornalismo e a semelhança de seus elementos com o universo dramático.

As razões para estudar o telejornalismo brasileiro e a estrutura dramatizada das notícias em televisão estariam diretamente ligadas à importância da veiculação das informações na televisão e a maneira como se daria a relação da população com esse meio de comunicação em um país como o Brasil. (COUTINHO, 2003, p. 21)

Em um vislumbre analítico das peças jornalísticas, o público se depara com feições e interpretações intempestivas das notícias, uso de adjetivações e hipérboles, incluso ainda a construção narrativa que abusa de maniqueísmos, heroísmos e sentenciamentos, como assistidos em programas sensacionalistas, em busca de mimetizar a realidade.

No caso do jornalismo, é interessante acrescentar, essa “ilusão” ganha força na medida em que apresentadores, repórteres e entrevistados se dirigem diretamente ao telespectador, em um simulacro do olho-no-olho que garante a proximidade, e que marca uma distinção à direção do olhar dos atores em cena na narrativa ficcional. (COUTINHO, 2003, p. 63)

Distante de Coutinho, Machado (2000, p. 100) tensiona a suposta passividade da recepção, conferindo a ela emancipação e plena instrumentalização para admitir os meandros dramáticos.

Por mais fechado que seja um telejornal, há sempre ambiguidade suficiente em sua forma significante, a ponto de interditar qualquer “leitura” simples e unívoca, e há também autonomia suficiente, por parte do telespectador, de modo a permitir que ele faça uma triagem do que lhe é despejado no fluxo televisual.

Dissonâncias à parte, no tocante à linguagem adotada pelo telejornalismo, mais autores correlacionam a dramaticidade na narrativa telejornalística com a áurea espetacular vista no meio. Flexionando o postulado de Paiva e Sodré (2002, p. 131), pode-se refletir que a mídia hegemônica incorpora, no âmbito da semiótica, artificios discursivos do senso comum,

moldando-se ao mercado de consumo. “A televisão tem explorado a realidade, em seus aspectos mais particulares, porque definitivamente a realidade supera toda a ficção.” (COUTINHO; 2003, p. 6)

A narrativa dramatizada acaba, pois, sendo adotada como a tônica estruturante dos telejornais de rede e locais. A distensão discursiva circundante à disposição dos personagens e difusão de valores morais impacta diretamente na maneira como os noticiosos televisivos retratam os fragmentos da realidade, ao modo em que se assemelha aos programas do gênero novelesco.

À medida que o drama é incorporado ao genoma do telejornalismo, evidencia-se cada vez mais as apostas nas aproximações e contrações de adjetivações, bem como pode ser notado a usualidade da dualidade presente no maniqueísmo. Isto é: lados opostos se contrapõem em uma malha de conflitos narrativos, tal qual elucidado pela perspectiva aristotélica de drama. Logo, o enunciador sugere ao interlocutor a existência de vilões e mocinhos, especialistas e leigos, bem e mal.

No périplo de conquista de público, um importante ponto de debate diz respeito ao regime financeiro ao qual o jornalismo televisivo está submetido. Destarte, cabe lembrar as origens oitocentistas do jornalismo, em confronto com a lógica capitalista enraizada ao modo de produção noticiosa.

Esse jornalismo, irmão gêmeo da ideia democrática, floresceu no século das luzes e ganhou substância ao longo do século XIX como a instituição a quem caberia atender ao direito de informação (do público) e dar materialidade à liberdade de expressão (dos cidadãos do público). Acontece que a busca da verdade, virtude ancestral do jornalismo, é simplesmente incompatível com a lógica dos conglomerados comerciais da mídia dos nossos dias. (BUCCI, 2004, p. 129)

Bucci (2004) problematiza, com contundência, o contraditório malabarismo que equiparam o telejornalismo aos interesses financeiros de seus “mecenas²”. O autor ressalta que o jornalismo, aquele que faz juz a deontologia da técnica, é a salvaguarda da democracia dos princípios republicanos.

² Termo a que se designa aos patrocinadores e financiadores, especialmente de obras artísticas, cunhado ainda durante o Império Romano.

O negócio do telejornalismo não é o jornalismo. Seu negócio é outro. Seu negócio não é sequer a veiculação de conteúdos. As grandes redes de televisão aberta têm como negócio a atração dos olhares da massa para depois vendê-los aos anunciantes. E esse negócio impõe uma ética estranha à velha ética jornalística. Eventualmente, o telejornalismo pode até se alimentar da busca da verdade, mas não tem aí sua deontologia. Verdade e mentira deixam de ser uma questão central. (BUCCI, 2004, p. 130)

Abordada por Bucci, Machado desconsidera a aplicação do termo ao telejornalismo, problematizando o ofício como uma coletânea de versões. Ou seja, ao invés de organizar os fatos noticiados, de modo a esclarecer o espectador, o autor sugere que o jornalismo "polifônico", em outras palavras, lança as peças do quebra-cabeça, devendo o público decidir como melhor encaixá-las.

O fluxo telejornalístico inteiro não passa de outra coisa que uma sucessão de "versões" do mesmo acontecimento. A questão da verdade está, portanto, afastada do sistema significativo do telejornal, pois, a rigor, não é com a verdade que ele trabalha, mas com a enunciação de cada porta-voz sobre os eventos. O telejornal, mesmo quando tenta construir a sua versão, em seus modelos mais personalizados ou autoritários, o que ele consegue, no geral, é relativizar ou neutralizar as várias "versões", jogando umas contra as outras. (MACHADO, 2000, p. 111)

Postas os ingredientes do debate sobre o telejornalismo, parte-se agora rumo ao destrinchamento do caráter narrativo e discursivo seguidos pelos noticiários.

2.2 A narrativa e as categorias técnicas dos telejornais

Diferentemente do que acontece no jornalismo impresso, no jornalismo de televisão os elementos que compõem a narrativa transcendem ao texto. A linguagem gestual, as imagens que ilustram os acontecimentos, a edição, os cenários e a abordagem dos fatos demarcam a qual construção narrativa adere este ou aquele telejornal. Coutinho (2003, p. 63) ancora seu argumento em Temer (2002) para intuir que "a incidência dos formatos jornalísticos e a identidade e posição dos falantes seriam aspectos definidores do perfil ou diretriz editorial de um telejornal, produto pertencente ao gênero jornalístico".

A narrativa telejornalística pode ser associada à fusão de objetos constitutivos da construção jornalística, por intermédio da observação das bases práticas do cotidiano das redações de Televisão. O modo de endereçamento, presente na estrutura das reportagens, por exemplo, veiculadas nos produtos acompanham a dinâmica social e tendem a se mostrar mais afáveis ao entendimento do espectador.

A perspectiva do modo de endereçamento lançada por Gomes (2007, p. 22) lança luz sobre a relação que deve existir entre o jornalista e o consumidor das notícias:

Analisando programas jornalísticos televisivos, John Hartley partilha a concepção de que modo de endereçamento se relaciona à construção de uma imagem da audiência: ‘o modo de endereçamento parece bastante próximo das pressuposições sobre quem e o que a audiência é. Estas pressuposições requerem a construção de uma imagem da audiência para quem o jornalista trabalha cotidianamente’ (cf. 2001, p. 93). Sua argumentação e os procedimentos de análise que adota enfatizam a linguagem empregada pelo programa, sua estrutura narrativa e argumentativa. Na nossa abordagem, o conceito de modo de endereçamento, quando aplicado aos estudos de jornalismo, nos leva a tomar como pressuposto que quem quer que produza uma notícia deverá ter em conta não apenas uma orientação em relação ao acontecimento, mas também uma orientação em relação ao receptor.

A elaboração e a disposição da retórica jornalística estão entrelaçadas ao relacionamento cultivado com a audiência, pois no modelo de telejornalismo comercial, a afetação do público transforma-se em capital aos detentores das transmissões dos canais.

O espetáculo, como já disse Guy Debord nos anos 1960, é em si mesmo um modo de produção. Com sua ética selvagem. Se há alguma esperteza importante aí, essa esperteza é justamente a capacidade que essa ética tem tido de se ocultar aos nossos olhos e ao nosso pensamento bem-intencionado. (BUCCI, 2004, p. 140)

Coutinho (2003) elucida o tom serial presente na televisão, isto é, a característica de repetição presente nos processos audiovisuais, os quais perpassam a estética televisiva.

Outra característica da TV como mídia, apontada pelo autor, seria sua relação com as séries ou com o formato seriado. Mais do que um tipo de programa ou um gênero televisivo, a série “é sobretudo um modo de funcionamento do *medium*, e também um dos parâmetros essenciais não só para a caracterização da estética televisiva, mas fundamentalmente para a definição do seu dispositivo tecnodiscursivo. Esse gênero de programas, por todos conhecido, surge em geral com uma estrutura narrativa recorrente, com pequenas variações (...)” (CÁDIMA, 1995, p. 113 apud COUTINHO, 2003, p. 37)

Desse modo, infere-se que para manter atraído o telespectador a acompanhar o fluxo noticioso, os telejornais apostam em artifícios discursivos e retóricos, associando o formato e o gênero jornalístico a padrões já explorados no entretenimento.

Em suma, os telejornais são fenômenos resultantes da junção de elementos textuais, imagéticos e sonoros, condensados em uma estrutura narrativa pautada na transmissão direta de notícias. Os princípios da narrativa, como vimos, é permeada por raios advindos de outras áreas e, aquela que mais nos interessa, é a influência dos formatos da dramaturgia na convenção da atratividade discursiva e reprodução pautada no apelo da mensagem.

Para fins de entendimento dos artifícios a serem percorridos na análise adiante, necessitar-se-á explicitar a definição deste conjunto de objetos, diariamente trabalhados nos telejornais, sob todas às ordens e conjecturas. Coutinho (2003) se pauta nos estudos em telejornalismo para reunir os temas que guiam o espelho, estrutura interna norteadora dos noticiosos, e compõem a trama do gênero.

São eles: nota ao vivo, nota coberta, matéria, nota pé, comentário, manchete, entradas ao vivo e serviços.

Em vista da tal safra, torna-se essencial o compartilhamento da visão da autora acerca dos principais eixos. A começar pela nota ao vivo, também compreendida por nota pelada ou nota seca (NS), que consiste na enunciação pura e simples da notícia, não havendo o disparo de outros recursos multimídias para a fundamentação da informação proferida pelo âncora.

Bastante presente dos primeiros telejornais em todo o mundo, o formato da "cabeça falante" guarda grande semelhança com o radiojornalismo. Isso ocorre porque, apesar da televisão ser um veículo audiovisual, que reuniria dois canais na apresentação da mensagem, na nota ao vivo ou nota pelada todas as informações são passadas através do canal do áudio, uma vez que a imagem fixa do apresentador em estúdio não acrescenta nenhum dado novo, complementar. (COUTINHO, 2003, p. 121)

A nota coberta (NC) é a forma composta da nota seca, isto é, a narração do apresentador com imagens justapostas, ritmadas ao assunto abordado. As etapas de execução deste artifício, desenvolvido brevemente no corpo telejornalístico, correspondem à cabeça (CAB), seguida da locução (OFF) somada às gravações da pauta em questão.

Recurso muito utilizado no tratamento de assuntos e/ou temas internacionais, quando as imagens são fornecidas por agências de notícias, os textos das notas cobertas em geral são breves e respondem apenas às perguntas fundamentais (o quê, quem, quando, onde e, eventualmente, como e por que). O uso desse tipo de forma é muito comum em registros de fatos e/ou acontecimento de destaque reduzido na estrutura editorial do programa. (COUTINHO, 2003, p. 121)

Quando a nota não obedece à ordem das acima mencionadas, ela sucede a matéria como complemento, adicionando um "ponto final" ao exposto no VT. Nesta perspectiva, ganha a denominação de nota pé (NP).

Coutinho (2003) postula sobre a matéria ou videoteipe (VT) como formato mais elaborado, complexo, isto porque agrega e usufrui da linguagem audiovisual em sua totalidade. O fluxo comunicacional, propiciado por este conteúdo, advém da organização técnico-operacional e dos fatores interconectados à sua produção.

[...] as matérias são elaboradas através da atuação de vários integrantes: o pauteiro/produtor; a equipe de reportagem externa (repórter+cinegrafista+motorista); o editor; o apresentador. Na construção e/ou montagem do VT são usados vários recursos como off, entrevistas e/ou sonoras, passagens de repórter, sobre som, povo fala ou enquete. Quando o material apresentado é resultado de um trabalho de investigação e/ou apuração mais aprofundado, indo além da cobertura apenas factual e oferecendo informação mais contextualizada, a matéria ou VT se converte em reportagem. (COUTINHO, 2003, p. 121)

Adentrando a órbita opinativa do telejornal, Coutinho (2003, p. 122) inclui o comentário como categoria no hall de formatos narrativos do telejornalismo. Ao período em que redigiu, a autora contextualiza o objeto com base na representação dos comentaristas presentes nos telejornais, como válvula argumentativa para não comprometer a isenção do noticioso, apesar dos indícios de mudanças denotados com a criação do TJ Brasil, em 1995.

Nos programas alvos do presente trabalho, especialmente no recorte temporal analisado, a presença de comentaristas não é acionada. Entretanto, a opinião é mobilizada, no caso do Jornal Nacional, através do editorial. Para Melo e Assis (2016, p. 51), por pertencerem ao mesmo gênero textual, a distância entre editorial e comentário é limitada pelo fato deste representar o ponto de vista pessoal, enquanto aquele verbaliza o posicionamento institucional do veículo.

Coutinho (2003, p. 123) estabelece ainda a significação de manchete, entradas ao vivo e serviços. O primeiro diz respeito à escalada inicial, período em que as notícias do dia são anunciadas no cardápio do telejornal, e que também é relacionado aos destaques lidos nas idas para o intervalo. Os outros dois se inserem na seara da "transmissão de informação nos telejornais."

Enquanto a entrada ao vivo representa a possibilidade de cobertura instantânea, com o registro dos fatos no momento de sua ocorrência, reforçando a demonstração da proximidade da emissora com a notícia, o componente "serviços" corresponde à apresentação de informações e índices como previsão do tempo e mercado financeiro (cotação do dólar, bolsas, etc.) (COUTINHO, 2003, p. 123)

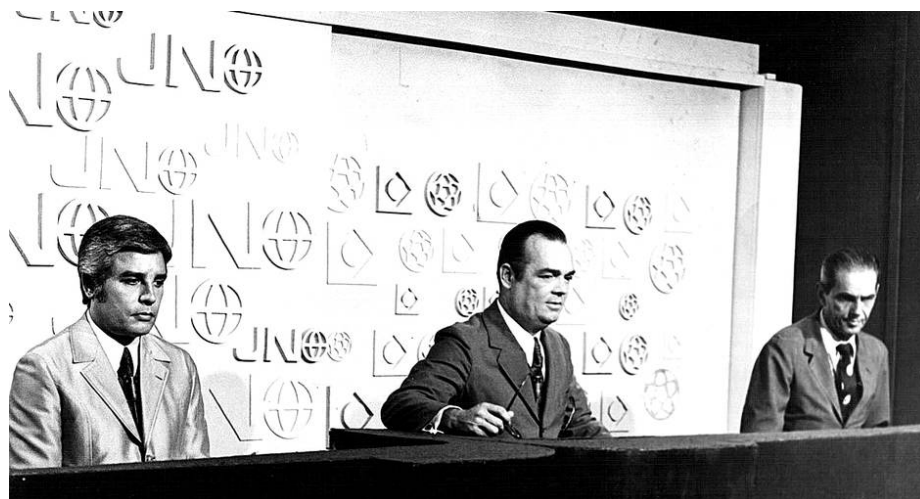
Em suma, os componentes tangenciados oferecem noções básicas para a apreensão das especificidades técnicas a serem explorados no campo analítico deste trabalho, além de propiciar a devida complementaridade aos segmentos contidos na essência usual do telejornalismo.

2.3 Histórico do Jornal Nacional e do Jornal da Record: conhecer para entender

Como já sabido neste ponto, o telejornal foi concebido no seio das transformações tecnológicas e sociais de um Brasil, ingressante na segunda metade do século XX, buscando por inspirações externas para modelar o seu progresso. Com o telejornal, não foi diferente.

Indissociáveis à história da televisão no Brasil, o Jornal Nacional e o Jornal da Record inegavelmente contribuíram para a sustentação do modelo de telejornal como prato de entrada para o banquete do horário nobre. Não obstante, são peças centrais nas temáticas de diversos estudos em comunicação e continuamente fomentam as discussões da área e da sociedade. Portanto, é absolutamente imperioso retomar passagens marcantes dos produtos e que os consubstanciaram como pilares referenciais do telejornalismo brasileiro.

Imagem 1 - Cid Moreira, Hilton Gomes e João Saldanha à frente do Jornal Nacional, em 1970



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/jornal-nacional-23908109>

Apesar de a Record ter sido um dos canais de TV pioneiros no país, no ar desde 1953, o primeiro telejornal transmitido em rede no território foi o Jornal Nacional, da Globo, em 1º de setembro de 1969. Em sua estreia, o programa foi introduzido por uma vinheta, a qual descrevia-o como "um serviço de notícias integrando o Brasil novo". Esta novidade a que se refere está intimamente ligado à chancela dos empresários de comunicação, à época, à instauração do regime militar no país. Não à toa, o episódio acontece no ano posterior ao de início de vigência do AI-5, decreto ditatorial que fechou o cerco à toda oposição do golpe.

Até certo ponto, podemos dizer então, que o Jornal Nacional é produto da articulação entre os interesses da elite política e econômica e os interesses políticos e econômicos dos militares. Esta articulação se mostra mais evidente nos anos 1960 e 1970, que é também o período de consolidação de um mercado cultural no Brasil. A consolidação da televisão brasileira está associada ao governo militar (1964-1985), à Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento e à ideia de integração nacional. (GOMES, 2010, p. 7)

A exibição do Jornal Nacional em cadeia nacional, inclusive, só foi possível graças aos investimentos do Estado Ditatorial em uma malha comunicacional, ao redor de um sistema de microondas, que viria a ser administrada pela Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel).

A Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento tinha como meta criar condições para a implantação de um modelo de desenvolvimento econômico extremamente favorável à entrada do capital estrangeiro, condições que eram interpretadas como sendo o fortalecimento do estado nacional, a implantação de uma infra-estrutura capaz de transformar o Brasil em uma potência econômica e o controle dos movimentos sociais. (GOMES, 2010, p. 7)

Neste período, conforme aponta Gomes (2010), a submissão da TV Globo ao regime totalitário ocorre como manobra de beneficiamento econômico, no sentido de fortalecimento das matrizes dos recursos que a ela fornecessem independência financeira. Uma das vias para estreitamento entre Estado e Globo foi a proposição da mesma de um pacto de autocensura como espólio para permanecer sendo prioridade na esteira dos investimentos.

A leniência com os intentos militares surtiu, efetivamente, como principal consequência o desenvolvimento tecnológico do telejornal, razão pelo qual estabeleceu-se a relação de qualidade que percorre décadas no imaginário popular.

Em relação ao Jornal Nacional, a estratégia adotada foi enfatizar a qualidade técnica da produção e circulação em detrimento do conteúdo propriamente jornalístico. Em razão das restrições da censura, mas também em razão de uma concepção da função da televisão no Brasil, o Jornal Nacional optou por desenvolver-se e consolidar-se através de uma estratégia na qual qualidade e confiabilidade eram resultado do investimento tecnológico da emissora. Esse foi o modo como a TV Globo e seu jornalismo se desenvolveram – à ausência de liberdade de informação contrapôs-se o chamado Padrão Globo de Qualidade. (GOMES, 2010, p. 8)

Com o passar do tempo, e com a crescente na cobertura de eventos de massa, como a Copa do Mundo de 1970, o Jornal Nacional se popularizou e progressivamente conquistou a maior audiência dentre os demais. A fidelização do público legitimou o noticioso como principal meio de se obter informações no Brasil, o que abriu precedentes para controvérsias

envolvendo a promoção dos interesses internos na esteira da influência sobre o debate público.

Foram muitas as polêmicas ao longo do caminho. À título de menção, cabe lembrar alguns mais proeminentes: o Caso Proconsult; a edição desproporcional do debate entre Lula e Collor, em 1989; as acusações de repórteres quanto à cessão de investigações envolvendo o PSDB para favorecer o candidato à presidência Geraldo Alckmin, em 2006; a cobertura das manifestações de 2013 e do Impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016; são páginas expoentes do quão conturbada é a relação de independência editorial do Jornal Nacional frente aos interesses do Grupo Globo.

Ainda assim, o telejornal se mantém na esteira da confiabilidade do público, afinal entre erros e acertos, o produto busca entregar o que o brasileiro precisa saber, conforme explica Bonner em conversa com Coutinho:

O zelo pela qualidade do produto jornalístico oferecido subordinaria, inclusive, aos índices de audiência. Apesar disso, ele admite: “Eu tenho uma preocupação com a audiência, eu tenho que me preocupar com ela”. Segundo o editor chefe, o espelho do Jornal Nacional é desenhado dentro de uma fórmula diretamente relacionada à necessidade e ao desejo de (man)ter uma grande audiência. E para isso Bonner garante ter alternativas até para a apresentação de temas chatos. [...] Segundo o editor chefe do Jornal Nacional essa receita, assim como as diretrizes e o posicionamento editorial do programa, partem do princípio de que como concessão pública as emissoras têm a obrigação de cumprir uma função jornalística, já que “o cidadão exerce sua cidadania com informação”. (COUTINHO, 2008, p. 9)

Enquanto isso, o Jornal da Record é figurado ao posto de telejornal principal da Record TV a partir de 1980, livremente inspirado no modelo estabelecido pelo Jornal Nacional. Desde então, o produto passou por diversas transformações até chegar a atual formatação. Em seu início, é importante ressaltar, a troca sucessiva no posto de apresentação, segundo lembra Maia (2007):

O jornalista Carlos Nascimento esteve à frente do JR entre 1989 e 1990. Em 1993 e 1994, o telejornal foi apresentado por Carlos Oliveira. No dia 07 de maio de 1995, Chico Pinheiro, que era da TV Band, estreou como âncora no JR. Conforme o site Tele História, no dia 26 de outubro de 1995, a TV Record rescindiu o contrato com Chico Pinheiro. Dias antes, Chico havia declarado à imprensa que a emissora proibia a abordagem de assuntos que não interessavam à IURD. Em seu lugar, assumiu Ney Gonçalves Dias. Posteriormente, Adriana de Castro ficou à frente da apresentação do telejornal. (MAIA, 2007, p. 25)

Em função de a Record TV pertencer ao alto escalão da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), muitos dos posicionamentos assumidos pelo Jornal da Record relacionam-se aos interesses condizentes à Igreja.

A estrutura empresarial das igrejas neopentecostas no Brasil, e especialmente da IURD, faz frente hoje às principais empresas de cada ramo comunicacional, é o caso da Rede Record no caso televisivo, ou do jornal impresso Folha Universal, um dos maiores e de maior circulação no país, ou ainda as tantas rádios que se multiplicaram nas últimas duas décadas. (LEITE, 2019, p. 120)

Imagem 2 - O candidato Jair Bolsonaro concede entrevista a Eduardo Ribeiro; Douglas Tavaloro, vice-presidente de jornalismo da Record TV, acompanha



Fonte:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/entrevista-de-bolsonaro-na-record-sela-aproximacao-do-candidato-com-a-universal.shtml>

A associação à entidade religiosa se explica, e se percebe, por meio da promoção de interesses, inclusive os de cunho governamental. A postura de assentimento aos governos vigentes também pode ser notada no papel editorial do telejornal. Em acontecimento recente, a emissora deslocou todo seu aparato para favorecer o então candidato à Presidência Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018, o que motivou, inclusive, denúncia dos próprios profissionais de jornalismo³.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, recebeu denúncias de jornalistas do Grupo Record, que inclui a emissora, rádio e o portal de notícias R7, por estarem sofrendo pressão da direção da emissora para que de certa forma beneficiem o candidato Bolsonaro (PSL) e por outro lado prejudique o candidato concorrente Fernando Haddad (PT).

Segundo o sindicato, outras expressões dessa virada são decisões de não colocar em rede reportagens relevantes – exibidas em afiliadas – barradas na grade de noticiário nacional da emissora, por avaliações de que poderiam prejudicar Bolsonaro ou ajudar Haddad afinal. Posteriormente, o portal R7 também passou a se dirigir a favor do candidato do PSL de forma explícita: por vários dias seguidos, os destaques da rubrica “Eleições 2018” na home se dividiam entre reportagens favoráveis a Bolsonaro e reportagens negativas a Haddad. (OBSERVATÓRIO DA TV, 2018)

³ Record TV é denunciada por jornalistas ao sindicato por pressão abusiva. **Observatório da TV**, São Paulo, 22 out. 2018. Disponível em: <<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/record-tv-e-denunciada-por-jornalistas-ao-sindicato-por-pressao-abusiva>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

Contudo, apesar das ressalvas acerca da credibilidade do material fornecido pelo telejornal, o produto estabeleceu-se como principal vitrine jornalística da emissora e recebe investimentos milionários de patrocinadores⁴.

⁴ FELTRIN, Ricardo. Banco investe até R\$ 300 mi em novo projeto jornalístico da Record. UOL, São Paulo, 05 set. 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2019/09/05/banco-investe-r-300-mi-em-novo-projeto-jornalístico-da-record.htm>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

3. Análise da cobertura midiática do JN e do JR frente aos 500 mil mortos pela COVID-19

A esta altura, embasado pelos referenciais passados, faz-se necessário refinar a criticidade textual e aguçar a observação dos movimentos telejornalísticos no fatídico dia 19 de junho de 2021, a partir da enunciação de dois dos principais produtos noticiosos, no que se refere aos índices de audiência e repercussão digital⁵.

O mote da tecedura das reflexões acerca da ética do cuidado presente (ou não) nas edições do Jornal da Record (Record TV) e Jornal Nacional (Globo) é sustentado pela análise da materialidade audiovisual, proposta assinada por Coutinho (2016). Sob estes trilhos, pretende-se lançar as âncoras do olhar para aspectos relacionados ao texto, som, imagem, edição, pavimentando os rumos de uma análise que compreenderá a natureza qualitativa e quantitativa dos referidos programas televisivos.

Para realizar esta caminhada, é indispensável fazer uso da descrição tanto das edições, assim como também da efeméride alvo da hipótese aqui lançada. A começar pelo fato imperativo, na ordem do dia, dos principais veículos de comunicação do Brasil e do planeta.

O panorama do momento dava conta dos desdobramentos da alta explosiva nos acometimentos por COVID-19, sofrida em abril de 2021⁶. O sismógrafo da morte registrava 1 mil mortos por dia, no pior momento da pandemia até ali. 149 dias após a primeira morte ser notificada às autoridades nacionais de saúde, o país somava mais perdas do que os números populacionais de 99% dos municípios brasileiros⁷.

Gigantes farmacêuticas, como a Pfizer e a Janssen, já dispunham da venda de vacinas ao redor do mundo, porém, os embargos da administração pública brasileira e as sucessivas recusas à imunização em massa colaboraram para um cenário caótico para o quadro sanitário do país. O tom político adotado pela Presidência e seus asseclas acirrou ainda mais o embate

⁵ Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado – 14/06 a 20/06/2021. Kantar Ibope Média, São Paulo, 22 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-14-06-a-20-06-2021/>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

⁶ Brasil chega à marca de 500 mil mortes por Covid. G1, São Paulo, 19 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/19/brasil-chega-a-marca-de-500-mil-mortes-por-covid.ghtml>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

⁷ Brasil tem 49 municípios com mais de 500 mil habitantes. Agência Brasil, Brasília, 27 de ago. de 2021. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-49-municipios-com-mais-de-500-mil-habitantes>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

público, quanto ao que de efetivo poderia ter sido feito para mitigar as consequências das ondas de contágio e mortes.

As polêmicas relacionadas ao atraso na compra de vacinas⁸ e os estímulos frequentes e repetitivos por parte das autoridades maiores da República contra as medidas sanitárias de contenção à disseminação do vírus, como o isolamento social⁹, criaram uma atmosfera social hostil e de convulsão nacional. O clima embativo contaminou a sociedade, de um modo geral, e fora absorvido pelos telejornais, explicitando contemporaneamente as nuances daquela realidade enfrentada.

A análise seguinte comparará o comportamento editorial, narrativo, visual e dramático dos dois produtos telejornalísticos rivais históricos, e presumivelmente antagônicos quanto a angulação da cobertura midiática em torno da perda de 500 mil brasileiros.

3.1 Metodologia

A partir da elucidação de um panorama referencial, teórico e contextual, aqui devendo ser tratado como pedra fundamental para o prosseguimento das próximas etapas da edificação, rumo ao andar da comprovação - ou não - das pretendidas respostas da hipótese, faz-se útil conferir cientificidade ao processo analítico que se desenrolará à posteriori. Dessa maneira, basear-se em uma concepção definidora metodológica do percurso investigativo, auxilia, pois, na sistematização da pesquisa e análise do jornalismo audiovisual.

Ao se propor a monitorar os caracteres técnicos, narrativos, profissionais, adentrando a membrana da ética deontológica em interface com a humanização do exercício, convém submeter os intentos comprobatórios aos postulados destrinchados com vista na identificação empírica de fatores condicionantes a uma delimitação analítica coesa.

Ciente da profusão dos meios recorridos para legitimação da hipótese lançada em textos científicos, no âmbito de jornalismo audiovisual, Coutinho (2016) visualiza a ambição pela avaliação de produtos jornalísticos, ancorados em um criticismo, embasados por um arcabouço textual e finalizada pelo juízo, o qual circunscreve o objeto aos preceitos que rondam o exercer jornalístico. A consideração da autora ocorre após verificar a presença dessa

⁸ Relatório acusa governo federal de atraso na compra de vacinas e de negociações ilícitas no caso Covaxin. Rádio Senado, Brasília, 22 de out. de 2021. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/10/22/relatorio-acusa-governo-federal-de-atraso-na-compra-de-vacinas-e-de-negociacoes-ilicitas-no-caso-covaxin>>. Acesso em 23 mai. 2022.

⁹ Bolsonaro volta a criticar medida de isolamento social contra a covid-19. Valor Econômico, Brasília, 29 de mai. de 2021. Disponível em:

<<https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/05/29/bolsonaro-volta-a-criticar-medida-de-isolamento-social-contra-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 23 mai. 2022

sequência em 224 artigos, todos discorrendo sobre determinados produtos ou recortes jornalísticos (COUTINHO, 2016, p. 09).

Contudo, a normalização da transfiguração da linguagem audiovisual ao rigor da textualidade científica, notou, pode não fornecer uma tradução fielmente adequada. Segundo ela, o disparo de artifícios que simulam a vivacidade do produto em linhas transcritas, não apenas descaracteriza a singularidade pertencente ao telejornalismo, como prejudica a verossimilhança da mensagem emitida. À luz da problemática, Coutinho formula um norte possível de ter o efeito comparado ao de um guia conduzindo turistas mata adentro, em trajeto único, a fim de sanar dúvidas em relação aos processos de desenvolvimento e funcionamento da densa e heterogênea flora.

Para empreender sua reflexão, Coutinho (2016, p. 10) explicita as origens de uma “análise da materialidade do audiovisual”:

É nessa perspectiva que no âmbito das pesquisas realizadas no Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF) tem-se buscado o desenvolvimento de um método denominado de Análise da Materialidade Audiovisual, que tomaria como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição. Acredita-se que as interpretações de edições de programas jornalísticos ou de parte deles, de uma cobertura particular ou de séries de produtos de jornalismo audiovisual, em uma eventual perspectiva comparativa, não devem realizar operações de decomposição/ leitura, que descaracterizariam a forma de enunciação/ produção de sentido do telejornalismo. (COUTINHO, 2016, p. 10)

Inspirada na receita antecipada pela proposição metodológica, a metodologia do presente trabalho seguirá as etapas que compreendem as afetações no público e reflexos da corporação, quando se refere aos produtos analisados. Tão logo sejam descritos, ambos estarão sujeitos ao destrinchamento das pretensões assumidas ou ocultadas pelos produtos em análise, para que, por essa via, possam ser documentados os impactos na recepção, ou seja, influenciando sobre o consumo.

Diante do exposto, o próximo passo consiste na designação de um operador analítico, o qual trabalhará operando como marcador. O uso do recurso facilitará a percepção do leitor no reconhecimento imediato dos critérios jornalísticos adotados pelo Jornal Nacional e Jornal da Record, priorizando a ética do cuidado como marco preponderante na indicação de uma humanidade, subjetividade responsável, possível ao ofício. Ademais, porém não menos importante, tensionar a aplicabilidade dos valores notícias, tal como escreve Traquina, em função do noticiário apresentado naquele mórbido sábado.

Estabelecida e testada a ficha de leitura, a partir de uma análise preliminar de uma parte do objeto empírico a ser analisado, a etapa seguinte é de estabelecimento da amostra a ser investigada, e posterior obtenção/digitalização/armazenamento do materialidade audiovisual a ser investigada. (...) De maneira geral, o tipo de amostra a ser constituída, inspirada em critérios da análise de conteúdo, deve garantir aspectos como: representatividade do(s) produto(s) objeto(s) de investigação; exaustividade; disponibilidade; pertinência aos objetivos e parâmetros da pesquisa; periodicidade de produção/ veiculação do material investigado. (COUTINHO, 2016, p. 12)

Intenciona-se, decorrente da explicitação das obras-alvo do problema hipotético, manifestar quais fragmentos, recortes ou coberturas observadas e destacá-los enquanto amostras nas categorias de análise que contemplem a ética do cuidado. Aliás, associadas às demarcações dos materiais para estudo, relaciona-se, também, a valorização da narrativa audiovisual.

Nesse sentido, Coutinho sugere o seguinte: mencionar os objetos e sujeitos integrantes do conteúdo transmitidos, no geral, e interligá-los aos critérios acima mencionados, pois, espera-se com isso, aumentar o escopo de análise e afunilar as considerações, até se obter as elucidações para as interrogações.

3.2 Jornal Nacional

A princípio, a descrição contemplará um retrato panorâmico do que fora apresentado naquele sábado, 19 de junho de 2021.

Quadro 1: Espelho da edição de 19 de junho de 2021 do Jornal Nacional

JORNAL NACIONAL		
RETRANÇA		TEMPO
BLOCO I		
VT	ESCALADA	1'02"
VT	ABERTURA	0'20"
VT	500 MIL AUSÊNCIAS	0'43"
CAB	500 MIL MORTES E CHAMADA	0'37"
VT	BUSCAS LÁZARO	3'07"
VIVO	PREVISÃO DO TEMPO	2'26"
VT	EUROCOPA	2'07"
VT	SÉRIE B BRASILEIRO	0'53"
NP	NOVOS TÉCNICOS	0'10"

VT	ESPORTE ESPETACULAR	0'50"
VT	NOVO PRESIDENTE IRÃ	0'29"
BREAK		
BLOCO II		
VT	MANIFESTAÇÕES	5'38"
NC	BALANÇO MANIFESTAÇÕES	0'15"
NS	DECISÃO STF CPI	0'41"
NS	MULTA TSE BOLSONARO	0'30"
VT	FANTÁSTICO	1'38"
BREAK		
BLOCO III		
VIVO	NÚMEROS COVID	4'40"
NC	REPERCUSSÃO SENADO E STF	0'52"
VT	BOLSONARO NÃO SE MANIFESTA	4'54"
VT	SOCIEDADE CIVIL REAGE ÀS MORTES	4'43"
NC	REAÇÃO EX-MINISTROS SAÚDE	0'54"
VT	PROFISSIONAIS LINHA DE FRENTE	7'21"
NS	EDITORIAL	3'01"
ENCERRAMENTO		

Fonte: Elaboração própria

Inicialmente, a presença dos titulares do noticioso, William Bonner e Renata Vasconcellos, é acionada em pleno final de semana, escalação atípica, uma vez que historicamente, e geralmente, plantonistas assumem o posto aos sábados. A escalada, espécie de menu do telejornal, é pontuada somente pelas manchetes pandêmicas, sem a execução da típica trilha sonora. O silêncio só é rompido com leitura dos demais factuais e para a vinheta de abertura, a qual acontece através da movimentação contrária ao habitual da câmera grua. Na sequência, uma segunda vinheta estampa os marcos trágicos alcançados pela pandemia até chegar às “500 mil ausências” ao som solo de violino.

Imagem 3 - Frame da vinheta especial do Jornal Nacional



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/9619931/>

O sentimento de luto é demonstrado, dentre muitas formas, através da indumentária dos âncoras. Ambos vestem preto e escancaram sobriedade ao longo de toda a edição. Em dias de coberturas de acontecimentos marcantes, o telejornal abre com os factuais e nos blocos seguintes dedica minutos seguidos acerca do assunto prioritário da pauta no dia. Neste dia, temas climáticos, esportivos e as chamadas “pautas frias” foram posicionadas como as primeiras na ordem de exibição, enquanto as matérias pertinentes à COVID ocuparam integralmente os últimos blocos.

Bonner: “É muito comum se ouvir que os números falam por si, mas também é verdade que eles não dizem tudo. 500 mil vidas brasileiras perdidas na pandemia significam milhões de pessoas enlutadas pela ausência de um parente ou de um amigo. Milhões. Os números da pandemia e da vacinação, as reações de autoridades dos três Poderes, de governistas e opositoristas e os atos públicos em todos os Estados e o Distrito Federal, você vai ver ainda nesta edição do Jornal Nacional.” (JORNAL NACIONAL, 2021, 2 min 08 seg)

A edição, estimada em 48 minutos, reservou 35 deles para tratar da notícia. Em proporções percentuais, gerando equivalência de 72,92% do tempo total dedicados ao trágico marco. Ao todo, entre reportagens, leitura de notas e o segmento estatístico da doença, o JN ressaltou que os números daquele dia eram, na realidade, vidas perdidas. A forma dramática com que foi conduzida a edição permitiu ainda, no quesito técnico, o *fade out*, que consiste no escurecimento da tela na transição de uma tomada para outra. O acionamento do recurso fica explícito ao término da reportagem principal sobre a COVID, entre vinhetas de abertura e no encerramento da edição.

O telejornal destacou as manifestações populares contrárias ao Governo Bolsonaro e em prol da ciência e das vacinas, informou as métricas da pandemia e da vacinação, repercutiu o que disseram personalidades políticas acerca das mortes por COVID, exibiu uma

extensa reportagem identificando os profissionais empenhados na linha de frente ao combate da doença no Rio de Janeiro e, por fim, dedicou um enfático editorial à situação e aos responsáveis por ela.

Imagem 4 - Frame do editorial exibido na edição de 19 de junho de 2021



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/9619931/>

Condensando os elementos anteriormente citados, em torno da dramaturgia evidenciada no telejornalismo brasileiro, o artigo opinativo que demarcou o posicionamento crítico da TV Globo naquele momento recebeu a interpretação dos âncoras nos minutos finais daquela exibição. As expressões faciais, o gestual, a entonação e a voz embargada se fizeram presente no ponto alto da edição, em uma situação em que o JN demarca claramente seu papel não puramente noticioso, como também de nivelador e esclarecido no debate público.

Bonner: “Em agosto de 2020, quando o Brasil ultrapassou o registro escandaloso de 100 mil mortes pela Covid, o Jornal Nacional se manifestou sobre essa tragédia num editorial. Parecia que o país tinha superado um limite inalcançável, 100 mil mortos. Neste sábado (19), são 500 mil. Meio milhão de vidas brasileiras perdidas.

O sentimento é de horror e de uma solidariedade incondicional às famílias dessas vítimas. São milhões de cidadãos enlutados.

Hoje, é evidente que foram muitos - e muito graves - os erros cometidos. Eles estão documentados por entrevistas, declarações, atitudes, manifestações.

A aposta insistente e teimosa em remédios sem eficácia, o estímulo frequente a aglomerações, a postura negacionista e inconsequente de não usar máscaras e, o pior, a recusa em assinar contratos para a compra de vacinas a tempo de evitar ainda mais vítimas fatais.”

Vasconcellos: “No editorial que marcou as 100 mil mortes, nós dissemos que era preciso apurar de quem é a culpa. Dissemos textualmente que esse momento chegaria.

Desde o início de maio, o Senado está investigando responsabilidades. Haverá consequências. E a mais básica será a de ter levado ao povo brasileiro o conhecimento sobre como e por que se chegou até aqui.

Quando todos nós olharmos para trás, quando nos perguntarem o que fizemos para ajudar a evitar essa tragédia, cada um de nós terá a sua resposta. A esmagadora maioria vai poder dizer, com honestidade e com orgulho, que fez de tudo, fez a sua parte e mais um pouco.”

Bonner: “Nós, do Jornalismo da Globo, estamos há um ano e meio, com base na ciência, cumprindo o nosso dever de informar, sem meias palavras. Muitas vezes nós pagamos um preço por isso, com incompreensões de grupos que são minoritários, mas barulhentos. Não importa. Nós seguimos em frente, sem concessões. E seguiremos em frente, sem concessões.

Porque tudo tem vários ângulos e todos devem ser sempre acolhidos para discussão. Mas há exceções. Quando estão em perigo coisas tão importantes como o direito à saúde, por exemplo. Ou o direito de viver numa democracia. Em casos assim, não há dois lados. E é esse o norte que o Jornalismo da Globo continuará a seguir.” (JORNAL NACIONAL, 2021, 45 min 26 seg)

Imagem 5 - Frame do encerramento em respeito às 500 mil vítimas da COVID-19



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/9619931/>

Encadeado ao texto jornalístico, o silêncio preenche o pano de fundo do encerramento do telejornal, o qual, por meio de uma arte com a bandeira do Brasil em escala cinzenta, salienta, em letras garrafais no telão principal do cenário, o marco de 500 mil mortes.

3.3 Jornal da Record

Diferentemente do que se viu no Jornal Nacional, o carro-chefe do jornalismo da emissora gerida pelo pastor Edir Macedo, se debruçou sobre o assunto sem aprofundamento ou carga dramática notável. Christina Lemos, titular do Jornal da Record, divide a bancada com Luiz Fara Monteiro, em substituição ao titular Celso Freitas.

A estrutura discursiva e hierárquica do telejornal segue sem alterações ou modificações contextuais. A abertura se dá com uma reportagem detalhando os aparatos de

videoconferência adotados pelo sistema prisional brasileiro. Após sua exibição, a escalada vai ao ar, com a trilha habitual, e nela as 500 mil mortes por COVID no Brasil são rapidamente mencionadas como um dos destaques da edição.

Quadro 2: Espelho da edição de 19 de junho de 2021 do Jornal da Record

JORNAL DA RECORD		
RETRANCA		TEMPO
BLOCO I		
VT	VIDEOCONFERÊNCIA PRISÃO	2'58"
VT	ESCALADA	0'27"
VT	ABERTURA	0'07"
VIVO	BUSCAS LÁZARO	4'20"
VT	ACELERAÇÃO VACINAÇÃO CAPITAIS	2'00"
VT	QUEDA MORTE IDOSOS VACINA	2'14"
VT	FESTA JUNINA BAHIA	2'06"
VT	QUEIMADURAS ÁLCOOL 70º	3'28"
VT	BICICLETAS	2'56"
CAB	NÚMEROS COVID	0'52"
NS	MINISTRO SAÚDE LAMENTA	0'16"
VT	TURISMO VACINAL	2'43"
VT	CÂMERA RECORD	1'00"
BREAK		
BLOCO II		
VT	900 DIAS GOVERNO RETOMADA ECONÔMICA	2'20"
NC	MANIFESTAÇÕES ESQUERDA CONTRA BOLSONARO	1'08"
NS	VANDALISMO PROTESTOS	0'23"
VT	DOMINGO ESPETACULAR	1'23"
BREAK		
BLOCO III		
VT	JOVEM BALEADO RJ	1'58"
NP	POSICIONAMENTO POLÍCIA	0'13"
VT	CRIMINOSOS PIX	2'05"

VIVO	BUSCAS LÁZARO	0'49"
NC	EXPLOSÃO ESTANDE TIRO	0'34"
VT	NAVIO PRÉ-SAL	3'40"
VT	ALUGUEL GALPÃO VENDAS	3'08"
VT	EVASÃO UNIVERSITÁRIA	3'01"
CAB	VACINÔMETRO	1'17"
NC	REINO UNIDO AUMENTO CONTAMINADOS	0'38"
VT	FRANÇA CONFRONTO FESTA	0'38"
VT	ISRAEL VACINAÇÃO ÚNICA JOVENS	1'59"
VT	EUA ONDA DE CALOR	2'13"
VIVO	PREVISÃO DO TEMPO	2'42"
VT	VIAGEM ESPACIAL	2'38"
NC	IRÃ NOVO PRESIDENTE	0'56"
VT	PANDEMIA CLIMA AGRONEGÓCIO	2'32"
ENCERRAMENTO		

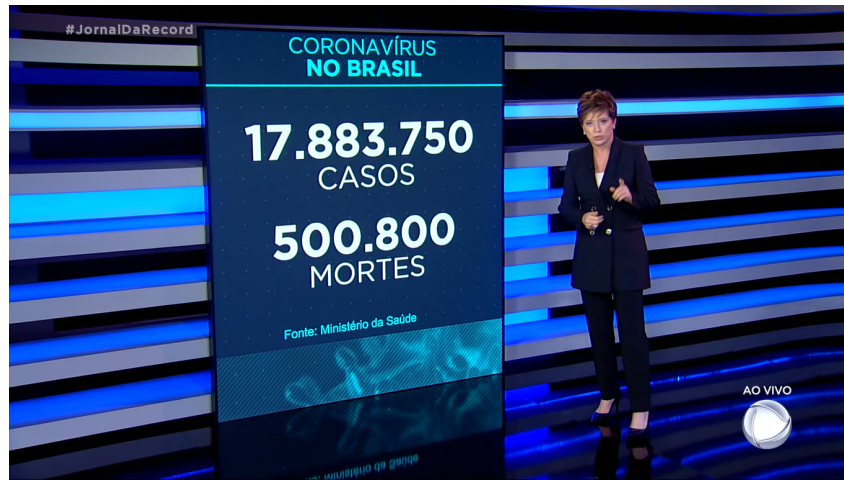
Fonte: Elaboração própria

No âmbito visual, nenhuma alteração é promovida para dimensionar a gravidade do acontecimento. A vinheta é normalmente executada. A primeira notícia faz jus à cobertura do 11º dia de buscas por Lázaro Barbosa, em Goiás. O jornal dedica os primeiros minutos ao assunto, inclusive com reportagem e link direto do local da procura.

Sem considerar o tempo de intervalo, o JR contou com pouco mais de uma hora de arte. Foram, ao total, 1h03min de transmissão. Dentre as dezenas de matérias veiculadas, no dia, algumas delas relacionavam-se em algum grau com a pandemia, mas sempre perpassadas por um tom mais ameno.

Em ordem hierárquica, o telejornal privilegiou, respectivamente, o “ritmo acelerado” da vacinação em idosos; a vacinação que preveniu 40 mil mortes de idosos no Brasil; o temor das aglomerações nas festas juninas na Bahia; queimaduras em decorrência do uso de álcool 70º; e uso de bicicletas contra aglomeração nos transportes coletivos. O jornal ainda abordou os casos de jovens brasileiros viajando para o México, com a pretensão de se vacinar nos EUA.

Imagem 6 - Frame do momento em que o Jornal da Record aborda o mórbido marco



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Pr5AXKms3qk>

Somados o tempo de exibição, foram consumidos aproximadamente 15 minutos da duração total do periódico. No entanto, quando recortada e tensionada a questão do dia, envolvendo o marco fatal da COVID no país, o telejornal dedicou 52 segundos para noticiá-lo, o que corresponde a 0,79% da edição.

A menção foi feita no segmento estatístico da pandemia no país:

Lemos: “O Jornal da Record traz agora os números da pandemia. Segundo o Ministério da Saúde, o país tem mais de 17.883.000 casos de COVID-19. Hoje, o Brasil ultrapassou a marca dos 500 mil mortos pela doença. Nós lamentamos cada uma dessas mortes, cada uma dessas vítimas, e torcemos que as vacinas cheguem o mais rapidamente possível para todos os brasileiros.” (JORNAL DA RECORD, 2021, 26 min 51 seg)

A apresentadora continuou a informar os demais dados da doença, contrapondo assimetricamente o registro de mortes ao total de pessoas recuperadas da doença, com base em dados divulgados pelo Ministério da Saúde. Ao término de tal exposição, Lemos verbalizou o posicionamento do Ministro da pasta, manifestado em redes sociais.

Lemos: “Numa rede social, o Ministro da Saúde Marcelo Queiroga, lamentou as vidas perdidas na pandemia. Disse que ‘trabalha para vacinar todos os brasileiros em menor tempo possível’ para mudar o cenário que assola o Brasil há mais de um ano.” (JORNAL DA RECORD, 2021, 27 min 43 seg)

A edição transcorre sem mais retomar o assunto, preferindo, adiante, destacar os feitos promovidos em 900 dias de gestão de Jair Bolsonaro na Presidência, conforme listagem divulgada pelo próprio Gabinete de Segurança Institucional (GSI). A reportagem teve duração de 2'20”, adotando uma perspectiva de alinhamento ao defendido governamentalmente.

Outra diferença substancial do JN, quando comparada a abordagem às manifestações ocorridas no dia, trata-se da maneira como o JR define os manifestantes e dedica segundos de exposição a casos isolados de violência em “protestos pacíficos”, como resumiu o Jornal Nacional. Para o principal telejornal da Record TV, as manifestações tiveram fundamentações da “esquerda” e reivindicavam a “extensão do Auxílio Emergencial, educação e empregos”.

Evadindo a seara da cobertura factual do dia, e por meio da observação do espelho do telejornal, pode-se inferir também que é uma preferência editorial do produto explorar em reportagens mais extensas, se comparadas às de cunho cotidiano, com assuntos menos quentes do dia. Em certa medida, a edição do Jornal da Record carrega elementos também caracterizadores de revista eletrônica, esta mais submetida à temática comportamental e serial.

Imagem 7 - Frame do encerramento e o sorriso dos apresentadores



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Pr5AXKms3qk>

Ao final, o jornal é finalizado assim como todos os dias. Há uma chamada para a próxima atração, acompanhada do desejo dos âncoras de uma “excelente noite” e um “bom domingo”, embalada pela enérgica trilha sonora de encerramento. A linguagem corporal dos apresentadores transparece normalidade, entre sorrisos e falas geralmente evitadas em coberturas que marcadas pela morte, como o próprio “boa noite”.

3.4 A materialização da ética do cuidado

Este trabalho ambiciona proporcionar um vislumbre do que seria ideal deontologicamente para a profissão, em termos que abranjam o cuidado como norte para o desenvolvimento das relações imperativas na cadeia de processos noticiosos, refletindo em

uma performance pautada em um jornalismo humanizado, com foco na sensibilização e deslocamento em direção ao outro.

A pandemia do coronavírus obrigou o planeta a subverter as lógicas pré-existentes e a se recompor para sobreviver. A adaptação à realidade de máscaras, e assombrada pelos vultos da morte, tensionou a experiência humana em prol de ações amparadas na subjetividade e com maiores preocupações nas afetações relacionadas ao outro. O cuidado foi adicionado à rotina, através de hábitos sanitários e posturas de cautela e preocupação com o próximo.

No jornalismo, especialmente o televisivo, a pandemia descortinou a “aura” profissional e demasiadamente objetivo dos procedimentos. Em virtude da fragilidade humana frente a uma ameaça invisível, o telejornalismo tornou-se palco para diversas demonstrações emotivas, e transcendentas à esfera profissional, de zelo e afago à vida.

Em março de 2020, no ensaio do que seria de fato a pandemia, o volume de informações, fatos e versões aparentava possuir uma frequência incontrolável. À medida em que o vírus se proliferava pelo planeta, contaminando mais e mais pessoas, a sensação comum era de desconforto e preocupação. Na edição do dia 20 daquele mês do Jornal Nacional, William Bonner interpelou a colega Renata Vasconcellos e, em um colóquio pouco usual no telejornal, reconheceu o cansaço mental diante ao fluxo intenso de notícias. Durante os anos de contaminação, o principal telejornal da TV Globo, afastou-se momentaneamente do rigor e sisudez característicos para naturalizar e pessoalizar seus âncoras.

No começo de 2022, Vasconcellos testou positivo para a doença. Após o cumprimento da quarentena, a apresentadora retornou à bancada e, na ocasião, Bonner subverteu o protocolo habitual, entrevistando a colega.¹⁰

Bonner: “A Renata já ficou toda sem graça aqui porque estou quebrando... Não é uma norma, mas é um hábito, a gente nunca fala da gente mesmo. Só que hoje ela está voltando depois de se ausentar porque teve Covid, e eu tenho algumas perguntas para fazer para a Renata que eu acho que vão interessar a você também.” (JORNAL NACIONAL, 2022, 01 min 15 seg)

A pandemia produziu momentos no telejornalismo em que o âncora, geralmente cristalizado pela “isenção de emoções”, abdica destas vestes e posiciona-se em favor daquilo que coletivamente se impunha como códigos de bom senso e vivência. O apresentador do DF1, telejornal local da TV Globo em Brasília, Fábio William, se indignou com o funcionamento de academias, em um período cuja abertura de tais estabelecimentos estava

¹⁰ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10221666/>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

vedada.¹¹ Opondo-se ao descumprimento das medidas sanitárias vigentes, William disparou ao público frequentador que “o caixão da Covid é fechado e ninguém vai ver o seu corpo bombado lá dentro”.

Em 17 de setembro de 2021, o Brasil já sentia há mais de um ano os efeitos catastróficos da disseminação viral da COVID-19. A pandemia, que afetou de forma mais intensa e danosa a quem vive à margem da sociedade, impôs sacrifícios à população mais pobre do país. A ausência de assistência básica à saúde, renda e emprego, produziu (e produz) um cenário de dificuldades quase intransponíveis à grande parte da população brasileira. Àquela altura, a fome sistêmica voltava a aparecer no radar das mazelas sociais. Ao comentar sobre o assunto, a jornalista Natuza Nery, da GloboNews, não conteve as lágrimas diante ao acontecimento.¹²

Natuza: “Eu concluí que todo ministro precisa fazer um estágio pelo Brasil. Se você não conhece, é muito fácil discutir política fiscal, turbulência política. O difícil é melhorar a vida destas pessoas. Com uma grande insegurança alimentar, estas pessoas só estão de pé porque existe muita solidariedade. E quem é solidário não consegue dormir porque sabe que ainda existem muitas outras pessoas precisando de ajuda. Toda vez que eu me deparo com isso, eu lembro do meu propósito como jornalista. Vou exigir, cobrar e criticar as autoridades para elas saberem que não podem viver tranquilas.” (JORNAL GLOBONEWS - EDIÇÃO DAS 16H, 2021, 01 min 34 seg)

Estes excertos cumprem o papel de denotar, e facilitar a compreensão, da tensão existente entre profissional e cidadão, além de evidenciar a possibilidade de se descolar da própria realidade em virtude da do outro, tal como sugerem Laia e Guimarães (2020):

Não temos dúvidas de que tudo isso tem sido potencializado pela pandemia, com jornalista em casa, trabalhando a partir de gambiarras tecnológicas expostas todos os dias nos telejornais, colocando à mostra o jornalismo como uma rede instável, formada justamente por humanos e não humanos. As emoções têm aflorado com frequência nas reportagens, não só nas lágrimas, nos abraços, mas também na condução: há um posicionamento contra o que agencia a transmissão do vírus. Relembrando a Teoria Ator-Rede, a controversa pandemia abriu a caixa preta jornalismo, a rede está exposta. São inúmeros os exemplos e será necessário fazer um inventário, mapear o desenrolar deste momento potente, rico, para pensar o jornalismo brasileiro. (LAIA; GUIMARÃES, 2020, p. 14)

¹¹ Disponível em:

<<https://tvefamosos.uol.com.br/videos/2020/05/07/ancora-da-globo-da-bronca-em-quem-fura-quarentena-para-ir-a-academia.htm>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

¹² Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/videos/?id=jornalista-natuza-nery-chora-ao-vivo-na-globonews-04028D9A3662DCC96326>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

Por isso, o presente trabalho se propõe a balizar categorias para analisar, mediante recorte, os dois produtos até aqui apresentados e identificar em seus bojos a elucidação da ética profissional moldada conforme o cuidado ideal no trato interpessoal e com o ambiente inserido.

A partir da delimitação da finalidade, as categorias de análise que compreendem o privilégio à visibilização, a preocupação com o endereçamento, o despertar da diferença e o respeito pela vida, bem-estar e igualdade polifônica serão unidades de medida na tarefa de notar o cuidado como variável na fórmula jornalística.

Para isso, serão analisados, dentro do escopo do acontecimento do dia, o editorial demonstrado no Jornal Nacional e a apresentação dos números da COVID no Jornal da Record. Faz-se necessário sublinhar que a comparação desenhada ambiciona mensurar os “pontos altos” da cobertura realizada pelos referidos produtos, compreendendo as particularidades e as diferenças capitais de gênero, número e grau entre os formatos “editorial” e “serviço”. Não intencionada em comparar tecnicamente os formatos, a análise leva em conta que estes foram alguns dos meios escolhidos para promover a fatal marca de 500 mil mortes por COVID, quando se refere ao Jornal Nacional, que abordou o fato na esteira de outros conteúdos e formatos informativos relacionados. O Jornal da Record preferiu se limitar. Encaixou e noticiou o fato, unicamente, em um quadro de serviços, dedicado aos números pandêmicos, abordando as milhares de vidas brasileiras apagadas pelo vírus em apenas 52 segundos.

A análise se desenrolará por meio da enumeração dos tópicos e considerações acerca do que fora apresentado em cada um dos recortes. Aquele que, proporcionalmente, acumular mais características, será o que melhor se utilizou da ética do cuidado para amalgamar a realidade com a sociedade.

Privilégio à visibilização: O editorial lido no Jornal Nacional disserta claramente acerca da gravidade dos números alcançados no dia, entendendo o acontecimento como um “horror” e impassível de se manter distante e acrítico. De acordo com o Guia de Cobertura Ética da COVID-19 (objETHOS, 2020), é recomendado que se cuide das fontes conferindo dignidade às vítimas, atento, inclusive, a atenção à sua humanidade. “Os mortos e infectados pela COVID-19 não são apenas nomes e números. São pessoas, com direitos e histórias que precisam ser reconhecidos com respeito. Faça prevalecer a sua humanidade ao relacionar-se com as fontes” (objETHOS, 2020, p. 15).

É importante considerar que o editorial se trata de um artigo opinativo do veículo, portanto diferente do gênero que compreende as notícias. Entretanto, o Jornal demarca esse

espaço claramente, sem se furtar aos fatos. “Deixe claro para a audiência o que é notícia e o que é opinião ou interpretação de um cenário. Separe-os de forma visível ou sensível. É uma questão de transparência e honestidade” (objETHOS, 2020, p. 28).

Em relação ao painel apresentado no Jornal da Record, há um tímido e genérico posicionamento do veículo, sem mensurar que aquela era a opinião do veículo. Christina Lemos disse, em nome do jornal, lamentar pelas vítimas e esperar que a vacina alcance a todos. Em poucos segundos, o balanço produzido pelo telejornal propõe a falsa simetria de mortos com o número de recuperados. Sobre a equivalência dos dados, é importante ressaltar a necessidade de tratar os fatos respeitando a “importância e dimensão”, observando que “um evento pode ser importante agora e numa localidade, mas menos impactante em outras circunstâncias” (objETHOS, 2020, p. 28)

Preocupação com o endereçamento: Nesta categoria, destaca-se a consciência preponderante do veículo com a narrativa direcionada ao receptor. Aqui, é esperado que os recortes analisados se refiram ao público, em especial aos enlutados, priorizando a transmissão da missão jornalística na busca por soluções. O Jornal Nacional reflete em seu editorial o peso histórico da tragédia mediante as ingerências da administração pública no controle da disseminação do vírus.

Quando todos nós olharmos para trás, quando nos perguntarem o que fizemos para ajudar a evitar essa tragédia, cada um de nós terá a sua resposta. A esmagadora maioria vai poder dizer, com honestidade e com orgulho, que fez de tudo, fez a sua parte e mais um pouco. (JORNAL NACIONAL, 2021, 47 min 00 seg)

O editorial faz uma contundente crítica, apelando à audiência para gerar a sensibilização do momento, imbuindo a “esmagadora maioria” o papel de permanecer vigilante e combativa à propagação do vírus. Se tomamos como referência o Guia de Cobertura Ética da COVID-19, o telejornal exerce o equilíbrio entre a razão e a emoção, suscitando a importância da realização de suas atribuições para a garantia de informações ao público.

Já o Jornal da Record, se dirige à audiência com uma linguagem direta e objetiva aos dados, sem aprofundá-los ou dimensioná-los ao público, buscando oferecer a visão de que se trata de vidas.

Despertar diferença: Ao sublinhar a importância da continuidade da comunicação dos fatos, o editorial do JN pondera o valor corporativo do Grupo na persistência da cobertura jornalística. Destarte, é suscitado o pensamento nos efeitos da mensagem no público.

“Considere os possíveis impactos de sua cobertura sobre o público. Pode emocioná-lo, pode contribuir para seu entendimento da situação local e pode motivá-lo a aderir medidas que mitiguem os efeitos da epidemia” (objETHOS, 2020, p. 30).

No caso do JR, a evocação de algum artifício que remeta à humanidade e sensibilidade para com o mundo à volta só pode ser percebido ao trecho supracitado acima, em que a âncora faz uma brevíssima consideração de pesar.

Prezar pela vida, bem-estar e igualdade polifônica: Neste último ponto, a torção intencionada é visualizar qual recorte sintetiza os princípios democráticos e republicanos regentes da vida brasileira, conforme estabelece a Constituição Federal de 1988 e o Código de Ética do Jornalista Brasileiro. O artigo 5º, do capítulo I, título II da Constituição Federal dispõe que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988, p. 13).

O Código de Ética do Jornalista Brasileiro estabelece no artigo 6º, do capítulo II, o dever do jornalista em:

- I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;
- II - divulgar os fatos e as informações de interesse público; [...]
- X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;
- XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias; [...] (FENAJ, 2008, p.1)

Logo, o tópico final desta avaliação avaliará o tratamento concedido, na delimitação dos recortes, ao fatídico dia cujo cenário mortal da doença alcançou o patamar histórico de 500 mil vítimas no país.

Sob o presente âmbito, o Jornal Nacional recuperou, em editorial, a velocidade no ritmo da expansão do quadro mórbido provocado pela doença. Traçou a espécie de cronologia até o evento do dia, enfatizando a responsabilidade das autoridades pelos erros cometidos e que custaram milhares de vidas. Textualmente, os apresentadores salientam:

Hoje, é evidente que foram muitos - e muito graves - os erros cometidos. Eles estão documentados por entrevistas, declarações, atitudes, manifestações. A aposta insistente e teimosa em remédios sem eficácia, o estímulo frequente a aglomerações, a postura negacionista e inconsequente de não usar máscaras e, o pior, a recusa em assinar contratos para a compra de vacinas a tempo de evitar ainda mais vítimas fatais. (JORNAL NACIONAL, 2021, 46 min 01 seg)

Ao especificar as conjunções relativas aos responsáveis pela tragédia, o telejornal entende que “[...] o jornalismo deve estar ao lado das vítimas, infectados, seus familiares e populações. É uma regra que entende que a humanidade se sobrepõe aos interesses particulares.” (objETHOS, 2020, p. 19)

Também em conformidade com o Guia de Cobertura Ética da COVID-19, o telejornal pratica a missão de cobrar medidas das autoridades públicas, de modo a proporcionar à sociedade a devida representação de seus direitos. Segundo a cartilha:

A Covid-19 é uma crise sanitária que tem aspectos biológicos – a natureza e propagação do vírus, por exemplo –, mas também aspectos sociais e políticos. Como se trata de um surto global, só pode ser enfrentado com ações coletivas e políticas públicas. Neste sentido, é importante acompanhar a criação, implantação e execução de ações de enfrentamento, tendo em vista suas condições, protocolos e autoridades responsáveis. Não se trata apenas de criticar essas ações, mas de fiscalizá-las, apontando erros e acertos. Esta é uma forma de o jornalismo contribuir para a correção dos rumos. (objETHOS, 2020, p. 10)

O Jornal da Record, ao apequenar a relevância do estrondoso fato do dia, compromete a lisura dos critérios aplicados à seleção de notícias pelo programa. A amenização do ocorrido coincide com a simpatia da direção da emissora pela administração do atual mandatário da República. Além de rebaixar os critérios de noticiabilidade para a necessária priorização do assunto, o telejornal demonstra ignorar a gravidade e a representação do marco na vida de milhões de brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese central deste trabalho gira em torno da observância dos critérios, aqui formulados, para nivelar a cobertura dos 500 mil mortos sob os parâmetros da ética do cuidado. O percurso para se alcançar o resultado esperado passou pelo vislumbre dos conceitos de ética, especialmente quando aplicados ao telejornalismo. Este, por sua vez, foi tocado principalmente pela ótica dos componentes essenciais de sua produção, percorrendo os elementos narrativos, descritivos e estruturais que regimentam o formato tal como é veiculado e conhecido.

Inicialmente, recorrendo à pílulas das cartilhas que pautam o exercício jornalístico no Brasil, além das devidas menções à Constituição, a ética profissional é discutida como dever do jornalista brasileiro, um compromisso para com o público, provido de direitos de acesso à informação. A toada vinda da missão constitucional imbuída ao corpo jornalístico nacional, pavimenta a estrada do debate da deontologia profissional, no sentido de visibilizar a ética como valor social e civilizatório.

A jornada textual proporcionou o alcance a determinadas epistemologias, como a cosmovisão ameríndia, para tornar possível a idealização de jornalisismos capazes de abarcar o cuidado como aspecto determinante para acesso e tradução de mundos. Tal leitura só pode ser compreendida através da flexão diante do que formularam Krenak (2022), Viveiros de Castro (2002) e Guimarães (2021).

Desta imersão, obtém-se frutos, como o alcance à equiparação do jornalista ao papel desempenhado nas tribos e comunidades indígenas pelos xamãs. Como abordado no primeiro capítulo, ambos partilham da missão de verter de outros mundos o suco das traduções sensíveis e dele servi-lo fresco aos que se encontram ao seu redor. A tarefa é um exercício de inclinação, deslocamento à alteridade e à diferença, alcançando o outro através da compreensão dos caracteres que os diferenciam. Daí, Guimarães (2021) convencionou a ligação entre realidades no campo da jornalismo e o nomeia como “jornalismo de perspectivas” (ou jornalismo xamânico).

Uma extensa gama de conceitos é aberta e apresentada como torções aplicáveis à comunicação, como um todo, com suporte nas compreensões e leituras da cosmovisão ameríndia. Dentre alguns aqui já tratados, convém destacar a definição de “comunicação pelo equívoco”, cuja significação fora dada por Guimarães e Laia (2014). O ponto central da ideia rodeia o impulsionamento do ecos paridos das incompreensões, de modo a intencionar a construção de pontes múltiplas de perspectivas. Assim, vista no hall das conceituações, esta

visão junta-se a outras proposições e integram o escopo da idealidade do cuidado no panorama das discussões contemporâneas em torno da comunicação.

À certa altura, para se conseguir um aprofundamento no caráter presente de cada uma das atrações em análise, foi necessário tecer algumas considerações acerca do histórico de suas exibições. Passeamos, nesta flexão, pelas salas do edifício em obras do telejornalismo nacional. Foram abordados os precedentes históricos do gênero televisivo no Brasil, mirando no apontamento dos diversos vislumbres do formato e alcançando os degraus da ala técnica, onde concentraram-se as postulações sobre a linguagem, as narrativas gerenciadas nas mediações proporcionadas, e a aplicação dos preceitos próprios da dramaturgia à “interpretação jornalística”, segundo Coutinho (2003). O arco da vitrine expositiva dos objetos circundantes ao jornalismo é também composto pelas categorias de formatos, usualmente presentes na disposição das notícias no enredo dos telejornais.

O sobrevoo orbitou a chance de oportunizar a compreensão dos materiais essenciais à consolidação do gênero no identitário popular e facilitar a digestão dos caracteres descritivos das edições de 19 de junho de 2021. No entanto, para entender a natureza performática do Jornal Nacional e do Jornal da Record no encarar de uma notícia disparadora de sensibilidade e de emoção, são elencados, de forma muito concisa, os episódios da história de ambos os produtos. Frente às abordagens, ao longo das décadas no ar, as propriedades das relações entre corporações e forças governamentais demonstram as implicações decorrentes da influência exercida na troca de passes nesta relação dicotômica. À luz dos fatos cronológicos, o tensionamento dos arranjos de mercado se sustenta, tendo em vista a flexibilização de práticas éticas e constitucionais mediante a prevalência de interesses privados.

As transmissões, ora, foram avaliadas baseadas nas categorias de análise convencionadas e aplicadas conforme o recorte dos trechos que melhor destacaram a magnitude do fato mórbido ali atingido. Desse modo, destacado anteriormente, os formatos de emissão do fato não devem estar passíveis à simetria, no entanto, a razão pela escolha dos mesmos, da angulação e da relevância do assunto no cardápio do dia, ajudam a balizar as réguas medidoras da ética do cuidado no contexto editorial dos produtos.

Tendo isto em vista, percebeu-se, na comparação e metrificação das categorias, que o Jornal Nacional foi o produto que dimensionou a ética do cuidado de forma mais próxima do ideal e o Jornal da Record se furtou a cumprir o protocolo na emissão de dados, resumindo as vidas perdidas à abstração dos números. Na contabilização e adequação dos critérios aos recortes avaliados, causou espanto e consternação a abordagem omissa e não-cidadã do Jornal da Record, uma vez que sendo porta-voz da imprensa, a preocupação primitiva e necessária

com os direitos à vida e à informação foram sucumbidas às perniciosas interações e interesses particulares.

A delimitação da ética do cuidado proposta aqui não é um conceito imutável, ou seja, uma vez prescrita no resultado, manter-se-á invariavelmente sendo assim classificada. Na verdade, a ética do cuidado é uma concepção do que é ideal para o exercício jornalístico, podendo ser acionada como possibilidade de se alcançar formas de jornalismo mais identificados com a diferença, com o outro e com o mundo. Nem sempre o Jornal Nacional a materializa, assim como nem sempre o Jornal da Record a viabiliza.

Em linhas gerais, a ética do cuidado veio à tona por meio da comoção imposta pelos ataques diretos da COVID-19 à humanidade. As vestes da intransigência e da inacessibilidade, por anos trajadas, foram rasgadas e as faces da fragilidade, compaixão e empatia ganharam os semblantes de muitos jornalistas, especialmente, neste recorte, os de TV. Logo, tendo atravessado a muralha da impenitência, o acesso à realidade nua e crua causou um choque deontológico, o que motivou a necessária proximidade do ser jornalístico aos seres à sua volta.

Cuidado, enfim, representa preocupação, zelo e deslocamento em direção aos seres e os ambientes existentes. Significa oferecer traduções de mundo que abracem, acolham e iluminem a sociedade. No jornalismo, o dever primeiro de atender ao interesse público, à vida e sua defesa, no âmbito dos direitos e deveres, configuram um norte cabível a todos os profissionais na jornada não propriamente corporativa, mas sim, humana.

REFERÊNCIAS

- ACERVO O GLOBO. Editora Globo S/A. **Em foco: Jornal Nacional**. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/jornal-nacional-23908109>>. Acesso em: 19 mai. 2022.
- AGÊNCIA BRASIL. EBC. **Brasil tem 49 municípios com mais de 500 mil habitantes**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-49-municipios-com-mais-d-e-500-mil-habitantes>>. Acesso em: 23 mai. 2022.
- ASSMANN, S. J. **Filosofia e Ética**. Florianópolis: UFSC, 2014.
- BUCCI, E; KEHL, M. R. Na TV, os cânones do jornalismo são anacrônicos. In: BUCCI, E. (org.). **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CAMPONEZ, C. **Entre verdade e respeito – por uma ética do cuidado no jornalismo**. Coimbra: Comunicação e Sociedade, 2014.
- CHRISTOFOLETTI, R; PAUL, D. **Cuidado, virtude e dilemas morais nas práticas de não-jornalistas**. São Paulo: Intercom v. 43, n. 1, p.21-36, 2020.
- CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra? Inquietações, propositivas sobre gestão, liderança e ética**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- COUTINHO, I. M. S. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: A estrutura narrativa em televisão**. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - Universidade Metodista de São Paulo, 2003.
- _____. **Programa e público brasileiros: a trajetória do Jornal Nacional nas vozes de seus personagens**. Niterói: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- DESCOLA, P. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- ESTADO DE S. PAULO. Grupo Estado. **Adultos com mais de 45 anos são principais usuários de redes sociais no País, diz estudo**. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,adultos-com-mais-de-45-anos-sao-principais-usuarios-de-redes-sociais-no-pais-diz-estudo,70002907108>>. Acesso em 30 nov. 2021.
- FELTRIN, R. **Banco investe até R\$ 300 mi em novo projeto jornalístico da Record**. São Paulo, UOL, 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2019/09/05/banco-investe-r-300-mi-em-novo-projeto-jornalistico-da-record.htm>>. Acesso em: 22 mai. 2022.
- FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas, 2008.
- FOLHA DE S. PAULO. Empresa Folha da Manhã S.A - Grupo Folha. **Entrevista sela aproximação entre Record e Bolsonaro, que quer sua 'Fox News'**. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/entrevista-de-bolsonaro-na-record-sela-aproximacao-do-candidato-com-a-universal.shtml>>. Acesso em 19 mai. 2022.

G1. Globo Comunicações e Participações S.A. **Brasil chega à marca de 500 mil mortes por Covid.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/19/brasil-chega-a-marca-de-500-mil-mortes-por-covid.ghtml>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

GOMES, I. M. M. **Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise.** Brasil: E-Compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007.

GUIMARÃES, L. L. **Povos indígenas e tradução de mundos: a invenção de uma ética (im)possível ao jornalismo.** Brasil: SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019** - Brasília, 2021. (PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, v. 1, n. 1). Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2022.

JORNAL DA RECORD. 19 jun. 2021. 1 h 04 min 03 seg, color. Jornal da Record. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pr5AXKms3qk>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

JORNAL NACIONAL. 19 jun. 2021. 48 min 42 seg, color. Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9619931/programa/?s=0s>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado – 14/06 a 20/06/2021.** Disponível em:

<<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-14-06-a-20-06-2021/>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

KRENAK, A. In: **Parabolicamará.** Acesso em:

<<https://open.spotify.com/episode/2NU40NVZgWzcratLj3sRzl?si=d5a9fb7a84194606>>. Universidade Federal de Ouro Preto, 2022.

LAIA, E. M; GUIMARÃES, L. L. **"A Globo virou a Mídia Ninja?": de junho a junho, os telejornalismos possíveis.** Brasil: SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2020.

LEITE, L. C. F. **O plano de poder da Igreja Universal do Reino de Deus: Estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil.** Salvador: Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Bahia, 2019.

MACHADO, A. As vozes do telejornal. In: _____. (org.). **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000. p. 99 - 123.

MAIA, W. V. **Edição no Jornal Nacional e Jornal da Record: Uma análise comparativa a partir dos critérios de noticiabilidade dos telejornais de rede.** Belo Horizonte: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Departamento de Ciência da Comunicação, Centro Universitário de Belo Horizonte, 2007.

MAIA, A. S. C. **O Telejornalismo no Brasil na Atualidade: Em Busca do Telespectador.** Salvador: Seminário internacional - Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos, 2011.

MARTINO, L. M. S. **A ética como discurso estratégico no campo jornalístico.** São Paulo: Cásper Líbero, 2010.

MELO, J. M.; ASSIS, F. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório.** São Paulo: Intercom v.39, n.1, p.39-56, 2016.

MELLO, E. **Bases Epistemológicas do Telejornalismo: entre a teoria e a prática.** São Paulo: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo do SBPJor, 2017.

NINA-E-SILVA, C. H.; ALVARENGA, L. F. C. **A importância histórica e as principais características dos Códigos de Hamurábi e de Manu.** Rio Verde: Revista Jurídica Eletrônica, 2017.

OBJETHOS. **Guia de Cobertura Ética da Covid-19.** Florianópolis, 2020.

OBSERVATÓRIO DA TV. **Record TV é denunciada por jornalistas ao sindicato por pressão abusiva.** Disponível em: <<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/record-tv-e-denunciada-por-jornalistas-ao-sindicato-por-pessao-abusiva>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

PAIVA, R; SODRÉ, M. **O império do grotesco.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

PODER360. **Mais da metade dos brasileiros usam a TV com principal fonte de informação.** Disponível em: <[RÁDIO SENADO. **Relatório acusa governo federal de atraso na compra de vacinas e de negociações ilícitas no caso Covaxin.** Senado Federal. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/10/22/relatorio-acusa-governo-federal-de-atraso-na-compra-de-vacinas-e-de-negociacoes-ilicitas-no-caso-covaxin>>. Acesso em 23 mai. 2022.](https://www.poder360.com.br/midia/mais-da-metade-dos-brasileiros-usam-a-tv-com-principal-fonte-de-informacao/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20levantamento,de%20propaga%C3%A7%C3%A3o%20de%20not%C3%ADcias%20falsas.> . Acesso em 30 nov. 2021.</p>
</div>
<div data-bbox=)

REZENDE, G. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, E. M. **As imagens do Telejornal Imagens do Dia: a influência do cinejornalismo e do rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro.** Guarapuava: VIII Encontro Nacional de História de Mídia, 2011.

SHOEMAKER, P. J. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TADDEI, R. In: **Observatório Jornalismo(s): Série Traduções**. Acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N7JcLO511IE>>. Universidade Federal de Ouro Preto, 2020.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

UOL. **Âncora da Globo dá bronca em quem fura quarentena para ir à academia**. Disponível em:

<<https://tvefamosos.uol.com.br/videos/2020/05/07/ancora-da-globo-da-bronca-em-quem-fura-quarentena-para-ir-a-academia.htm>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

_____. **Jornalista Natuza Nery chora ao vivo na GloboNews**. Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/videos/?id=jornalista-natuza-nery-chora-ao-vivo-na-globonews-04028D9A3662DCC96326>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

VALOR ECONÔMICO. Editora Globo S/A. **Bolsonaro volta a criticar medida de isolamento social contra a covid-19**. Disponível em:

<<https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/05/29/bolsonaro-volta-a-criticar-medida-de-isolamento-social-contra-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 23 mai. 2022

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

_____. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Rio de Janeiro: Mana, 1996.